

revista



mensal | abril de 2022 | n° 10 | ano 28 |    /sescrevistae sescsp.org.br/revistae revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida



RECALCULAR A ROTA | DO GIBI AO FEED | JUVENTUDES À MOSTRA | MÁRIO DE ANDRADE | CAIXA DE PANDORA |
RAQUEL ROLNIK | QUESTÃO DE SAÚDE | ALINE BEI | EDUARDO GÓES NEVES | FERNANDO ANDRADE DE OLIVEIRA



Veja ou reveja
os filmes favoritos do público
e da crítica.

Sessões no CineSesc
e programação gratuita na
plataforma Sesc Digital.

Saiba mais:

sescsp.org.br/melhoresfilmes

48^o

FESTIVAL
SISC
FILM MULTICRIS
IS

6-27

DE ABRIL



Obra: Heloisa Hariadne (acrílica e óleo sobre tela). Foto: Mariana Chama

Organizada pelo Ateliê397 e com curadoria de Thaís Rivitti, a ocupação *Estamos Aqui*, em cartaz no Sesc Pinheiros, apresenta 40 trabalhos de artistas e coletivos com passagens por espaços e plataformas independentes de arte. A mostra parte do desafio de reutilizar materiais de exposições anteriores realizadas no Sesc, gerando obras que debatem urgências contemporâneas, como questões urbanísticas, sociais e históricas. Entre os artistas participantes, estão Jaime Lauriano, Aline Motta, Alexandre Wahrhaftig, Helena Ungaretti e BijaRi. A imagem que ilustra nossa capa é da obra *A força que é me alimentar de você enquanto estou comigo*, de Heloisa Hariadne. Saiba mais em: <https://www.sescsp.org.br/programacao/estamos-aqui/>

Uma iniciativa essencial

O mundo ainda vivia os horrores da Segunda Guerra Mundial quando, em maio de 1945, um grupo de empresários brasileiros se reuniu, em Teresópolis (RJ), no intuito de pensar e planejar o desenvolvimento do Brasil. Estiveram presentes 183 delegações representantes das áreas do comércio, da indústria e da agricultura, além de líderes sindicais e representantes de classe de vários estados. Para além das discussões de ordem estritamente econômica, discutiam-se também caminhos para a promoção do bem-estar. Como resultado deste encontro nasceu a Carta da Paz Social, documento formalizado em 1946 que estruturou iniciativas das classes patronais em prol dos trabalhadores e gerou a criação do Sesc – Serviço Social do Comércio.

Desde então, o setor de comércio e serviços ampliou significativamente sua participação na economia do país e o Sesc sempre marcou presença na vida dos trabalhadores, de seus familiares, bem como de toda a comunidade. Promove qualidade de vida por meio de programações nos campos da cultura, dos esportes, do lazer, do turismo, da saúde e alimentação. Seus centros culturais e esportivos presentes em todo estado oferecem inúmeras atividades, numa ação educativa permanente, concretizando e aprimorando, assim, os ideais que nasceram sete décadas atrás, numa iniciativa arrojada, corajosa e essencial.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Sesc

App Store | Google Play

Download gratuito para Android e iOS

A busca por qualidade de vida

O enfrentamento da pandemia de Covid-19, que impactou a sociedade numa escala mundial, resultando em perdas e em restrições, trouxe consigo uma urgência ainda maior sobre a busca por qualidade de vida. Mas, diante de todas as subjetividades que permeiam o que se considera uma vida com mais qualidade e bem-estar, como identificar o que, de fato, promove este bem-viver? Como fazer escolhas no sentido de alcançar uma vida mais equilibrada e mais saudável? Seria possível estabelecer critérios e referenciais universais sendo a humanidade tão diversa? Reportagem desta edição da *Revista E* aborda este tema complexo e mostra iniciativas de pessoas e de coletivos que encontraram meios de promover o bem-estar nos centros urbanos.

Iniciativas estas que envolvem olhar para o local em que habitamos com criticidade e criatividade, compreendendo os desafios de viver em grandes cidades e a necessidade de repensar as escolhas de moradia e de mobilidade, como alerta, em *Entrevista*, a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik. Ações que envolvem também debruçar-se sobre nossa História, como faz o pesquisador e arqueólogo Eduardo Góes Neves, em seu trabalho como estudioso da região amazônica, que ele detalha, na seção *Encontros*. Mudanças de perspectivas que levam uma artista a se reinventar, como faz, a cada novo trabalho solo, a cantora Fernanda Takai, convidada da seção *Depoimento*. Na matéria *Gráfica*, as produções de jovens artistas que estarão na MAJ – Mostra de Arte da Juventude, no Sesc Ribeirão Preto. E, na seção *Inéditos*, a poesia de Aline Bei. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Sesc São Paulo



Adriana Nishi

SUMÁRIO

Em *ENTREVISTA*, a urbanista e arquiteta **RAQUEL ROLNIK** fala sobre a importância de uma **CIDADE PELA VIDA** **10**



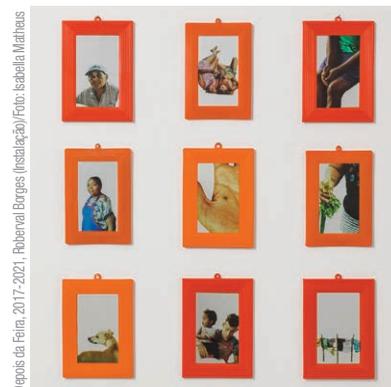
Coletivo Preto Império / Foto: Patrícia Monteiro

Numa sociedade de desempenho e do cansaço, reflexões e iniciativas apontam caminhos para **RECALCULAR A ROTA** **18**



Mário de Andrade, década de 1930 / Foto: Kazys Vosylus / Arquivo Biblioteca Nacional / Domínio público

No *PERFIL*, o legado plural e diverso de **MÁRIO DE ANDRADE** no campo das artes e da cultura brasileira **28**



Depois da Feira, 2017-2021, Fobervai Borges (instalação) / Foto: Isabella Mathias

Na *GRÁFICA*, temas e suportes artísticos refletem o olhar de **JUVENTUDES À MOSTRA** **36**



Detalhe da HQ *Foram as Formigas*, de Marilisa Marz

Do *GIBI AO FEED*, como as histórias em quadrinhos ganharam novos formatos, temas, vozes e públicos nas redes sociais **54**

DOSSIÊ	6
EM PAUTA QUESTÃO DE SAÚDE	60
ENCONTROS EDUARDO GÓES NEVES	68
DEPOIMENTO FERNANDA TAKAI	74
INÉDITOS ALINE BEI	78
ALMANAQUE PAULISTANO	82
P.S. FERNANDO ANDRADE DE OLIVEIRA	90



INSPI

RA

ações para
uma vida
saudável

5 a 17 de abril 2022

Reflexões sobre qualidade de vida em seus diversos contextos e significados.

Mais de 90 atividades presenciais e online nas unidades do Sesc em São Paulo.

Confira a programação:
sescsp.org.br/inspira



O Sol Nascerá, videoprojeção que faz parte da mostra *Ocupação: Denilson Baniwa - Territórios*, aberta ao público a partir do dia 1º de abril, na biblioteca do Sesc Santos

ABRIL INDÍGENA

AÇÃO EM REDE DO SESC SÃO PAULO VAI DAR VISIBILIDADE ESTE ANO À PRESENÇA DE POVOS ORIGINÁRIOS EM TERRITÓRIOS ONDE FICAM AS UNIDADES NO ESTADO

Pelo quarto ano seguido, o Sesc São Paulo realiza a programação Abril Indígena, que desta vez terá como tema *SP: Terra Indígena*. O objetivo desta edição é dar visibilidade à presença de povos originários em territórios onde estão inseridas as unidades do Sesc no estado, por meio da realização de atividades presenciais e online.

“Essa ação em rede pretende colaborar para a desconstrução da ideia estereotipada do indígena selvagem e isolado, que vive em terras distantes incrustadas nas florestas, revelando a atualidade e a dimensão local de suas existências, resistências, demandas, saberes e fazeres. Ainda que a história oficial tenha invisibilizado a contribuição indígena para a construção do que hoje conhecemos como o estado de São Paulo, é impossível não notar a marca das populações autóctones desses territórios nos nomes de rios, ruas, relevos etc. Assim, São Paulo é terra indígena”, destaca Tatiana Amaral, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc.

Segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 305 etnias indígenas no país, que falam 274 línguas diferentes e reúnem cerca de 900 mil pessoas. Dessa população, 5% – ou quase 42 mil indivíduos – vivem no estado de São Paulo, sendo a grande maioria habitante de centros urbanos, e os demais, residentes em áreas do litoral, Vale do Ribeira, oeste paulista e região metropolitana.

Dentre os destaques da programação Abril Indígena está a mostra *Ocupação: Denilson Baniwa – Territórios*, na biblioteca do Sesc Santos, a partir de 1º de abril, que apresenta obras em lambe-lambe e videoprojeções de Baniwa, trazendo o pensamento e a luta dos povos originários. Outro destaque é o Festival de Cinema Indígena, exibido pelo SescTV (www.sesc.tv.org.br).

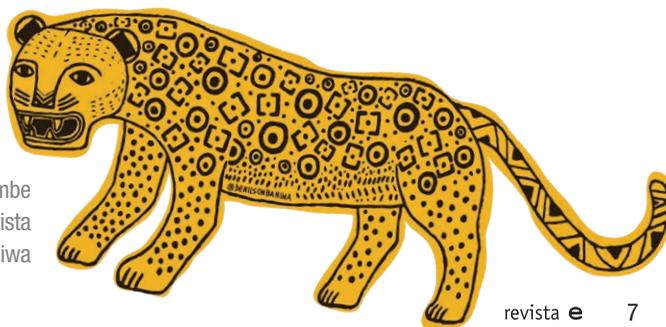
Confira a programação completa no portal do Sesc São Paulo:

www.sescsp.org.br/abrilindigena.

ESSA AÇÃO EM REDE
PRETENDE COLABORAR PARA
A DESCONSTRUÇÃO DA IDEIA
ESTEREOTIPADA DO INDÍGENA
SELVAGEM E ISOLADO, QUE VIVE EM
TERRAS DISTANTES INCRUSTADAS
NAS FLORESTAS, REVELANDO
A ATUALIDADE E A DIMENSÃO
LOCAL DE SUAS EXISTÊNCIAS,
RESISTÊNCIAS, DEMANDAS, SABERES
E FAZERES

TATIANA AMARAL,
assistente da Gerência de Estudos e
Programas Sociais do Sesc

Yawareté, lambe-lambe
criado pelo artista
Denilson Baniwa



LAZER IMPORTA

Neste ano, a segunda edição do Dia Mundial do Lazer, iniciativa da *World Leisure Organization (WLO)* que tem o Sesc São Paulo como um dos parceiros, será realizada no dia 16 de abril e o tema escolhido é *Lazer Importa*. Um dos objetivos dessa ação é mostrar que o lazer é parte essencial à promoção de saúde e de bem-estar, além de uma ferramenta de desenvolvimento, diversão e alívio da sobrecarga mental para pessoas e comunidades. Na programação em rede realizada pelo Sesc São Paulo haverá ações práticas e teóricas, remotas e presenciais, que buscam incentivar o público a começar, ou continuar, a praticar atividades físico-esportivas como parte de seus momentos de lazer. Confira um debate do Sesc Ideias sobre o tema: <https://bit.ly/3uoCaIE> e acesse a programação: www.sescsp.org.br.



Foto: Adriana Vichi



Foto: Ariela Bueno

Os atores Seu Jorge e Adriana Esteves em cena do filme *Marighella* (2021).

MELHORES DA TELONA

De 6 a 27 de abril, o Sesc São Paulo realiza o 48º Festival Sesc Melhores Filmes, com sessões no CineSesc e uma programação gratuita na plataforma Sesc Digital. Criado em 1974, o mais longo festival de cinema de São Paulo oferece ao público a oportunidade de ver ou rever os filmes que mais marcaram a audiência na cidade em 2021. Os filmes são escolhidos democraticamente por meio de votação, dividida entre público e júri especializado, composto por críticos (as) de todo o Brasil. Estiveram em votação nesta edição: 305 produções, sendo 197 estrangeiras e 108 nacionais, que receberam mais de 55 mil votos de espectadores. Os premiados serão revelados na cerimônia de abertura do festival, dia 6 de abril, transmitida ao vivo pelo canal do **YouTube** do CineSesc. Saiba mais: melhoresfilmes.sescsp.org.br.

SOBRE MARIAS E FIRMINAS

Em homenagem ao bicentenário de nascimento da escritora Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considerada a primeira autora abolicionista em língua portuguesa, o Sesc Carmo apresenta, até junho, o projeto *Sobre Marias e Firminas: Escritas de Mulheres Negras*. Na programação, que inclui atividades presenciais e online, estão cursos, mesas de debate, exibição de vídeos e espetáculos de música e de teatro. Desde 2019, o Sesc Carmo desenvolve projetos como *Somos Rosa e Pagu Vive: Transgressões femininas*, homenageando mulheres de vanguarda que trouxeram contribuições em diversas áreas do conhecimento, mas que sofreram apagamento histórico por conta do racismo, do patriarcalismo, de questões políticas, entre outros fatores. Mais informações: www.sescsp.org.br/carmo.



Foto: Sarah Duarte

A escritora e atriz Elisa Lucinda é uma das artistas a compôr a programação.



Foto: Adriana Vichi

A exposição *EntreMeadas* chega ao Sesc Guarulhos a partir do dia 30 de abril, depois de passar pelo Sesc Vila Mariana de 2019 a 2020. A mostra reúne a produção de artesãs e coletivos de várias regiões paulistas e traz, nesta edição, algumas novas obras, produzidas por artesãs e coletivos locais. A exposição tem curadoria da crítica e historiadora do design Adélia Borges. Visite: www.secscsp.org.br/guarulhos.

AÇÃO CONTRA A FOME

A campanha Ação Urgente Contra a Fome, realizada no período de maio de 2021 a março de 2022, atingiu a marca de 128 toneladas de alimentos arrecadados. Durante esse período, a população foi convidada a levar doações em pontos de coleta instalados nas unidades do Sesc e do Senac no estado de São Paulo, além de *drive thrus* solidários. Os alimentos arrecadados foram distribuídos entre as 1.300 instituições sociais cadastradas no programa Mesa Brasil Sesc São Paulo. Realizada pelo Sesc e pelo Senac em São Paulo, com apoio do Sincomércio, a campanha foi criada no contexto da pandemia de Covid-19, que agravou um cenário de fome e de insegurança alimentar para milhares de famílias, e teve como objetivo auxiliar o atendimento às necessidades básicas de pessoas em situação de vulnerabilidade social, por meio de uma ação de solidariedade coletiva. A partir de agora, o Mesa Brasil Sesc São Paulo dá continuidade ao seu trabalho na luta contra a fome e o desperdício de alimentos coletando doações em parceiros. Saiba mais: mesabrasil.secscsp.org.br.

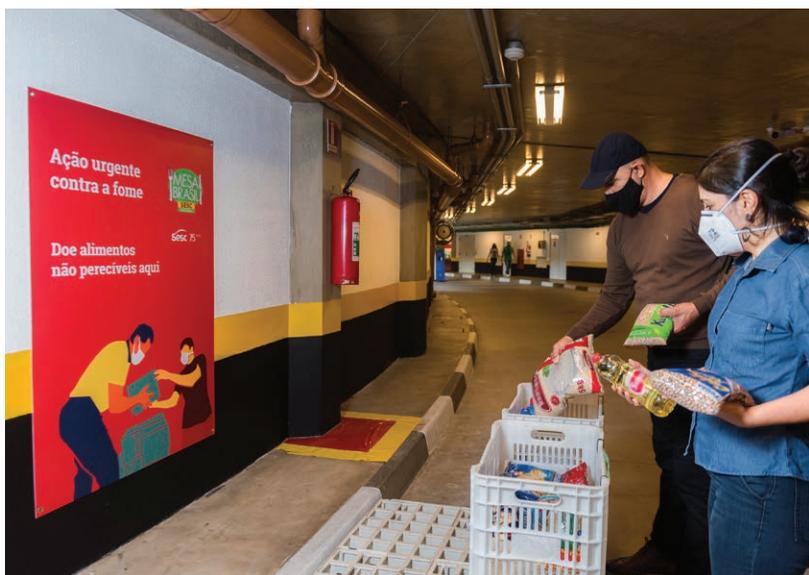


Foto: Kazuo Kajihara



CIDADE PELA VIDA

QUESTÕES COMO ACESSO À MORADIA E MOBILIDADE PODEM SER
RESPONDIDAS POR OUTRO MODELO DE ESPAÇO URBANO,
SEGUNDO A ARQUITETA E URBANISTA RAQUEL ROLNIK

A cidade é um organismo vivo. Forjada por decisões políticas e econômicas, ela está em constante processo de transformação. Ao produzir conflitos e desigualdades, o espaço urbano constitui uma sociedade e seu tempo. Em São Paulo, por exemplo, durante a pandemia da Covid-19, espaços públicos e áreas verdes passaram a ser ainda mais valorizados por alguns estratos da população, a vulnerabilidade a que estão expostos os usuários do transporte coletivo ficou evidente, bem como o quadro de emergência habitacional. Afinal, é possível mudar os rumos de uma cidade? Para a elaboração de novos caminhos, em seu mais recente livro, *São Paulo: O planejamento da desigualdade* (Editora Fósforo, 2022), com prefácio do rapper Emicida, a urbanista e arquiteta Raquel Rolnik nos convida a olhar para o passado e questionar quais decisões de política urbana e planos que estruturam a cidade mais populosa do país – com mais de 12 milhões de habitantes – precisam ser revistos. Para Rolnik, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), é imprescindível pensarmos num modelo de cidade que proteja a vida. “Para termos uma cidade voltada para a promoção e proteção da vida é preciso uma política urbana que promova a experiência de sermos corpos saudáveis: na moradia, na circulação, nos espaços públicos. Parece óbvio, mas precisamos ter isso como parâmetro para repensar as nossas cidades no próximo milênio”, destaca.

Centro e periferia. Há uma definição específica para cada um desses espaços na cidade quando há uma população em estado de vulnerabilidade em todas as regiões do espaço urbano?

Podemos responder essa questão usando muitas escalas. Nós, Brasil, somos a periferia do capitalismo em relação à Europa, aos Estados Unidos. Então, centro e periferia compõem uma relação multiescalar. Dito isso, a gente tem, uma explicação histórica, uma descrição histórica do modelo de desenvolvimento urbano no Brasil mostrando que este modelo marca-se predominantemente pela concentração da qualidade urbanística, da infra-estrutura, dos maiores valores e das populações de mais alta renda em áreas mais centrais e uma expulsão permanente dos setores de menor renda para fora dessas áreas, portanto para as áreas periféricas. É preciso pensar também que isso foi marcado desde os anos 1940, e que coincidiu com o período de grande migração do campo para as cidades brasileiras, num processo marcado pela autoconstrução da própria casa e do próprio bairro pelos trabalhadores e moradores de menor renda. Essa é uma diferença base porque, enquanto nas áreas urbanizadas melhor servidas você tem primeiro um processo de urbanização e de preparação onde depois vem a moradia, a periferia é também definida por um processo de urbanização *ex post [após o fato]*, ou seja, ela vem depois que as pessoas já estão ali e durante um longo período de consolidação do habitat, o que envolve muita luta, muita reivindicação, muita negociação política. Posto isso, hoje é necessário complexificar esse modelo e essa discricção de periferia.

De que forma?

É necessário complexificar esse modelo e essa discricção de periferia porque periferia não é homogênea. Pelo contrário. Hoje, na cidade de São Paulo, nós temos muitas centralidades nas periferias que se constituíram: centralidades comerciais, centralidades de serviços, de emprego, de oferta cultural. Então, esse modelo não consegue mais descrever tão claramente esse processo, porque a periferia é extremamente heterogênea e não pode ser enquadrada como cidade dormitório e também porque esse processo invisibiliza a presença de um

UMA CIDADE QUE É MAIS
DESCENTRALIZADA DO PONTO
DE VISTA DE OFERTA DE
SERVIÇOS, DE EMPREGOS E DE
OPORTUNIDADES CULTURAIS
TAMBÉM VAI EXIGIR MENOS
DESLOCAMENTOS RADIAIS

território popular em áreas centrais. A gente se acostumou a pensar: território popular na cidade de São Paulo é igual à periferia sem ver que, por exemplo, o centro da cidade de São Paulo é uma área em disputa porque ali existe – e resiste – um território popular histórico permanente e que ainda luta pela sua possibilidade de continuidade. Então, acho que é importante complexificar esse modelo centro/periferia.

Não há levantamentos estatísticos precisos, mas é notório o aumento de famílias vivendo sob viadutos, nas calçadas, em marquises de prédios. Que modelos ou soluções vêm sendo pensadas por arquitetos e urbanistas para essa crescente faixa da população?

Antes da pandemia, a gente já estava vivendo o que já chamamos de emergência habitacional. A combinação da financeirização do espaço construído que é o que a gente vê, esse boom imobiliário, esse boom em São Paulo teve muito mais a ver com a disponibilidade de capital financeiro que não encontrava remuneração em função da taxa baixa de juros em outros setores e que, assim, corre para o setor imobiliário e vai tomando a cidade. Soma-se ainda uma perda de renda a partir de 2014 e nos anos seguintes, com o aumento da crise econômica, maior desemprego, subida inclemente do preço dos imóveis tanto para compra quanto para aluguel. Então, renda baixando e preço dos imóveis subindo é um

coquetel molotov de crise habitacional. Cada vez mais gente tem menos capacidade de arcar com as despesas do aluguel ou da compra da casa. Junto a isso, a gente teve desde 2016/2017 zero política habitacional, especialmente para os setores de menor renda. Então, não tem política habitacional, não tem oferta possível no mercado para aumento ou distribuição da renda e assim, o que vimos aumentar? A população na rua. Famílias inteiras na rua e ocupações de novas áreas – uma expansão de fronteiras com ocupações muito precárias como não se via desde os anos 1990 em São Paulo. Evidentemente, a única resposta, além de distribuição de renda de maneira ampla na sociedade, para que mais gente possa participar do mercado habitacional – só que isso não acontecerá em curto prazo. Precisamos de uma política pública de moradia para promover o acesso à moradia para quem tem menos recursos. Infelizmente não temos nem uma coisa, nem outra.

Outra consequência da pandemia da Covid-19 foi a possibilidade do teletrabalho ou do trabalho híbrido. Isso também deve mudar a forma como nos relacionamos com a cidade?

Eu sempre faço o seguinte alerta: o percentual da população da cidade que migrou para o teletrabalho é pequeno. A gente tem uma visão “classe

médiocêntrica”, então, dentro dos espaços de trabalho da classe média ampliou o teletrabalho, mas isso não é uma realidade para a maior parte da população nem antes, nem durante e nem depois da pandemia, que continuou se deslocando e trabalhando presencialmente. Portanto, quando se fala: “Agora vai todo mundo morar na praia ou na montanha”; “Não vai ter mais ninguém na cidade”. Quem, cara pálida? Essa é uma visão muito restrita do processo da cidade. Pode haver um efeito sobre os bairros de classe média, mas a cidade continua sendo tocada presencialmente na maior parte das atividades que ela tem. É uma pena, porque é exatamente essa visão “classe médiocêntrica” que, por exemplo, não previu nenhuma proteção para quem usa o transporte coletivo durante a pandemia, porque a classe média está isolada. Mas, e as pessoas que estão circulando? Como protegê-las? Em vez da pergunta principal na estratégia de proteção na pandemia ser como proteger quem está circulando, a proposta é: “Fica em casa”. Só quem pode ficar em casa é um número determinado de pessoas que executam determinadas tarefas, quem tem uma boa internet, um bom equipamento...



A PERSPECTIVA DO DIREITO À
CIDADE É UMA PERSPECTIVA
MAIS IGUALITÁRIA NO SENTIDO
DE QUE AS CONDIÇÕES
DE VIDA, INCLUSIVE AS
CONDIÇÕES MATERIAIS
DE VIDA NA CIDADE, NÃO
DEVERIAM SER TÃO DESIGUAIS

E em relação a uma maior ocupação das ruas, de áreas ao ar livre e de espaços públicos, como praças e parques. Isso de fato vem acontecendo?

Se você for olhar a periferia, a vida na rua sempre foi absolutamente presente em função até da exiguidade do espaço doméstico, ou seja, em função do fato de o espaço doméstico ser pequeno. Então, quem viveu enfiado dentro de um condomínio fechado, *all inclusive*, é a classe média que descobre a rua agora num movimento que é importante, mas, de novo, não é um movimento da totalidade. Uma parte importante da cidade sempre viveu na rua e as atividades são na rua, como os bailes funk. No meu livro *São Paulo: O planejamento da desigualdade*, eu conto um pouco essa história de como ao longo dos anos 1990 a cidade foi se fechando em condomínios, em shopping centers e como foi que se deu um movimento de ruptura disso no sentido de apropriação do espaço público, de praças etc. Uma parte da classe média rompeu com a ideia do enclave, foi procurar esses espaços e fez esse movimento que, inclusive, se tornou uma política pública. Isso tem a ver com cicloativismo também, com a ideia do uso da bicicleta como meio de transporte. São mudanças que já estavam em curso na cultura urbana.

Ainda sobre espaços públicos, vêm-se discutindo muito a implementação de hortas urbanas como forma de abastecimento local de alimentos e como solução para graves questões como alagamentos, por exemplo. Como você vê esse movimento?

Não há a menor dúvida de que o modelo de cidade que temos, totalmente impermeabilizado, coberto de concreto, com o viário coberto de asfalto, estrangulando os rios em canais fechados, limitando a presença da natureza na cidade tem contribuído para a piora e para a provocação de desastres a cada chuva mais intensa. A culpa não é da chuva. A culpa é a forma de ocupação da cidade e já está mais do que na hora de repensá-la na direção de outro tipo de relação com a natureza e, sobretudo, considerar a presença dos rios, das águas, a presença das áreas verdes. Não resta a menor dúvida de que áreas verdes impactam tremendamente não só na temperatura da cidade como também na capacidade de absorção de água da chuva, no controle da poluição e em muitas outras coisas. Quando a gente fala do modelo de ocupação da cidade, esse modelo totalmente baseado na rentabilidade do espaço e que estrangula o rio para sobrar mais área para lotear, que asfalta tudo para o carro correr bem rápido, para aumentar a velocidade da circulação do capital, enfim, estamos falando desse modelo, ele é irmão do modelo de ocupação do campo e de produção do alimento em enormes latifúndios, da mobilização do veneno e do alimento transgênico para aumentar a produtividade. Tudo isso também gera impactos enormes no meio ambiente e na saúde. Então, repensar a questão do alimento também faz parte de repensar como é que a gente pode se reorganizar como humanos na relação com o território e aprender, inclusive, outras formas de se relacionar. Acho que é menos relevante a discussão “Seriam hortas urbanas capazes de alimentar todo mundo?”, e mais relevante a questão: “Como as hortas urbanas questionam o modelo atual [*de produção de alimentos e de cidade*] e como elas trazem outra resposta?”

EU ACREDITO QUE SÃO PAULO POSSA SE REINVENTAR

Pensar em soluções para a mobilidade urbana, especialmente num contexto de grandes centros urbanos como São Paulo, é importar propostas de outros países, como França e seu de Cidade de 15 minutos, defendido pela prefeita de Paris, Anne Hidalgo? Ou estaríamos apenas vislumbrando um cenário que não se ajusta à realidade das cidades brasileiras?

Em termos de dimensão e de densidade, você consegue comparar a cidade de São Paulo com Tóquio e com algumas cidades chinesas, mas não dá para compará-la com Paris. É totalmente diferente não só em dimensão, como em densidade de circulação, nível de desigualdade etc. A gente tem que pensar a partir da nossa realidade. O bom e velho trem, metrô, ou seja, o transporte sobre trilhos é essencial numa cidade como São Paulo, considerando as distâncias que a gente percorre. Uma cidade que é mais descentralizada do ponto de vista de oferta de serviços, de empregos e de oportunidades culturais também vai exigir menos deslocamentos radiais. Mas você vê que o próprio modelo de circulação na cidade de São Paulo reforça a concentração. Nosso sistema de circulação inteiro é radial: é levar do bairro para o centro. Ao fazer isso, você concentra o que já está concentrado. Se houvesse mais ligações entre os bairros, você fortaleceria muito mais a centralidade dos bairros. Estou falando de uma forma da gente repensar esse modelo e intervir sobre ele.

Está em evidência um debate sobre novos modelos de cidade, como Cidade Educadora e Cidade Amiga da Criança. Qual sua reflexão e análise sobre esses modelos?

A gente tem movimentos que vêm de vários lugares. Então, a turma da segurança alimentar e nutricional pensa a cidade a partir da ideia do alimento e começa a trabalhar a horta. A turma das áreas verdes repensa a cidade a partir da infra-estrutura verde, a turma



Foto: Adriana Vichi

da educação coloca para gente que não tem mais sentido pensar a educação como uma coisa confinada no prédio escolar e imagina a possibilidade de todo espaço urbano ser educador. Então, acho que o que estamos vendo e vivendo são questionamentos e experiências práticas que vêm de vários lugares, de vários pensamentos nesse momento. O que elas têm em comum é mostrar a falência de um modo hegemônico de organizar o território e a relação das pessoas com o território, e a partir disso levantar a proposta de rever esse modelo e imaginar outros futuros possíveis.

No final, todos esses modelos acabam falando (cada qual em seu espectro) do direito à cidade?

Não necessariamente. A perspectiva do direito à cidade é uma perspectiva mais igualitária no sentido de que as condições de vida, inclusive as condições materiais de vida na cidade, não deveriam ser tão desiguais. E quem pensa o direito à cidade pensa por um lado nisso: em não haver tanta desigualdade nas condições materiais de vida, como moradia, circulação, usufruto do espaço público. Mas, há uma outra dimensão do direito à cidade que é uma dimensão política, que tem a ver com protagonismo

e processo decisório. É um pouco a discussão de quem são os sujeitos no processo de definição do destino da cidade. Porque a cidade é algo que vai se transformando e a gente tem políticas públicas que incidem sobre esses processos de transformação e também tem iniciativas individuais e coletivas que vão incidir. Do ponto de vista da política pública, o que dá para a gente dizer é que esse modelo atual é um modelo pensado por e para homens brancos de classe média. Então, a perspectiva feminista, ou a perspectiva de gênero, de pensar uma cidade para todos do ponto de vista de outros modos de se apropriar da cidade, ou também pensar a cidade do ponto de vista racial e de outras culturas de como a gente pode ter uma cidade anti-racista, tudo isso pressupõe um processo de decisão sobre as políticas públicas em que os sujeitos possam ser aqueles que foram historicamente excluídos do modelo atual. Quem inventou esse modelo de asfalto, esse modelo de encanar rio, de montar uma superestrutura de concreto para cuidar do saneamento, de circular por meio de automóvel queimando óleo diesel? Quem quer isso? A história do direito à cidade tem muito a ver com o que os moradores, os residentes na cidade podem fazer, como podem participar muito mais da definição tanto de seu destino individual quanto de seu destino coletivo.

Estamos vendo, atualmente, o bairro de Pinheiros passar por um processo de demolição de casas e construção de prédios e condomínios, mas a história se repete nos últimos anos em outras regiões da cidade. É possível evitar esse processo de gentrificação? Ou esse é um caminho sem volta para as grandes cidades?

Não tem caminho sem volta e a gente tem que acreditar nisso. Essa minha observação é empírica, não é teórica. No livro [*São Paulo: o planejamento da desigualdade*], eu retomo os momentos de inflexão e de mudança de modelo de cidade que aconteceram na história de São Paulo. Por que aconteceram naquele momento? Quais eram as

opções e por que foi tomada essa opção? Por quem? A cidade de São Paulo no começo do século 20 até os anos 1920 era uma cidade densa e compacta que só se movimentava a pé e sobre trilhos – bondes e trens. Isso foi radicalmente transformado na direção do modelo rodoviário. E essa foi uma opção. Houve uma discussão e se tomou a decisão, num determinado momento, numa conjuntura que alinhava determinados interesses. Por que eu coloco isso? Porque a cidade já deu muitas viradas e ainda vai sofrer muitas outras. Não é São Paulo. Há histórias incríveis de cidades que se reinventaram completamente. Então, eu acredito que São Paulo

possa se reinventar, mas essa é uma questão política, não no sentido partidário. E sim, quais movimentos terão força suficiente para exigir, demandar e impor uma mudança radical em outra direção. Então, a pergunta central que a gente tem que fazer é: Quem manda na cidade hoje? Se a gente mudar esse eixo de poder, a gente é capaz de mudar o modelo de cidade sim. E São Paulo tem uma

dinâmica tão forte, tão intensa, que eu acredito, inclusive, que uma mudança pode ser rápida. Essa é uma cidade muito dinâmica não só porque ela concentra capital, imaginações, especialidades, capacidades, mas também porque é uma cidade que tem uma dinâmica de transformação muito forte e a gente vê isso. Dito isso, como é que a gente trabalha essa questão de Pinheiros e que também vem acontecendo na Vila Mariana? A mudança que está acontecendo hoje nessas regiões é fruto de um projeto que foi discutido amplamente e que foi votado. Chama-se Plano Diretor de São Paulo. O que está acontecendo não é decorrente da falta de um plano, mas da presença deste plano que concentrou e ofereceu para o setor imobiliário altíssimos potenciais construtivos em determinados locais.

Mesmo que esses locais não comportassem esse processo de verticalização?

A ideia original desse plano era de que seria muito bom criar mais espaços de moradia por eles haver uma infra-estrutura de transporte coletivo de massa – leia-se metrô e corredor de ônibus

PRECISAMOS DE UMA POLÍTICA PÚBLICA DE MORADIA PARA PROMOVER O ACESSO À MORADIA PARA QUEM TEM MENOS RECURSOS

exclusivo. Para isso formulou-se a ideia de que nesses locais, esses prédios não teriam garagem e os apartamentos deveriam ser muito mais baratos e acessíveis. Mas, infelizmente, o que foi feito não foi isso. Por várias razões, entre elas porque na aprovação do zoneamento se permitiu os apartamentos com garagens. Essa é uma tese que eu defendo no livro: as coisas que vemos em São Paulo são fruto de política pública e não da falta dela, o que abre a seguinte questão: outras políticas públicas são possíveis. E mesmo em relação a Pinheiros. Agora vamos ter uma revisão do Plano Diretor, e se tiver acontecendo alguma coisa descontrolável, ela tem que ser interrompida. E isso é totalmente possível. É lei. Então, é possível que a gente possa barrar esse processo [de gentrificação].

Há também o desafio na questão da moradia para uma população que vem envelhecendo dado o aumento da expectativa de vida no país. Que análise você faz desse cenário?

Já estamos vivendo uma transição demográfica bem clara: muito menos crianças e cada vez mais idosos. Vou dar o exemplo da política de moradia. O imaginário da política de moradia é: papai, mamãe e filho na casa. A realidade da moradia hoje tem pouco a ver com esse cenário. Isso existe, é verdade, mas está longe de ser o único modelo. A gente começa a ver milhares de famílias monoparentais especialmente lideradas por mulheres sozinhas, bem como muitas famílias extensas cujos arranjos de moradia, a sogra com a tia, a mãe e tal, que às vezes é lido como a falta de moradia, mas ali há uma dimensão da organização

do cuidado: quem sai para trabalhar, quem fica com criança etc. Além disso, há muitos idosos morando sozinhos. Sobretudo mulheres idosas. Então, é como se tudo isso não existisse e a gente, de novo, volta à questão da visão “classe médiocêntrica”, que trabalha um modelo único, um paradigma que não se relaciona com as necessidades reais. Acho que quando você pergunta: Será que todos esses modelos – Cidade Educadora, Cidade Amiga da Criança – não estão procurando a mesma coisa? Acho que se a gente quiser sintetizar isso numa frase, eu diria: Cidades que Protejam a Vida, cidades que promovam a vida. Se usarmos isso como paradigma, poderemos estendê-lo para todos os campos. Por exemplo, a circulação sobre pneus provoca acidentes e poluição. Temos aí uma das causas mais importantes de morte na cidade de São Paulo, que são as causas respiratórias em função da poluição e a poluição hoje não é mais a poluição industrial, mas a poluição de carros, ônibus e caminhões. Então, quando você fala de uma Cidade de Proteção à Vida, você não pode mais continuar com a mesma matriz de circulação, porque essa matriz atual é contra a vida. Quando você fala do alimento, comer algo transgênico que te provoca doenças, isso também não é defesa da vida. A política da vida é ter um corpo saudável numa cidade que te permita isso tanto do ponto de vista do espaço, quanto do ponto de vista da moradia e da circulação. Parece óbvio, mas precisamos ter isso como parâmetro para repensar as nossas cidades no próximo milênio. E, claro, pensar quais são os requisitos para a vida autônoma e prazerosa dos idosos e das idosas. Acho que essa é uma reflexão fundamental nesse momento. ■

ENCURTAR DISTÂNCIAS

Como a cidade pode ser continuamente transformada pelos seus atores e se expandir para além das fronteiras físicas? E como o exercício do direito à cidade nos ajuda a imaginar e construir coletivamente os nossos diversos territórios? Essas e outras questões são norteadoras para as reflexões da mostra *Cidade para pessoas*, realizada no Sesc Bom Retiro até 28 de maio. A mostra faz parte do projeto *Isto Não é um Mapa*, em curso desde 2020, e que traz, dessa vez, uma série de cartografias afetivas, poéticas, sociais e micropolíticas em múltiplas linguagens, que exploram e refletem sobre os diferentes desdobramentos temáticos sobre a cidade. Com um olhar atento para a diversidade de raça, de gênero, e também territorial, o projeto busca conectar o público com diferentes espaços da cidade a partir de uma programação que reúne debates, espetáculos teatrais e musicais, exhibições de cinema e outras ações. Confira: www.sescsp.org.br/bomretiro.



RECALCULAR A ROTA

REFLEXÕES E INICIATIVAS APONTAM PARA A IMPORTÂNCIA
DE FREAR A SOCIEDADE DO DESEMPENHO A FIM DE BUSCAR
QUALIDADE DE VIDA E BEM-ESTAR

Como uma sombra, a sensação de cansaço caminha a passos largos em todas as esferas da vida. Atravessados pela cobrança de produtividade no trabalho, no espaço doméstico e pelas demandas pessoais, alimentamos uma longa lista de tarefas a ocupar até mesmo os raros momentos de lazer e ócio. O resultado é um número cada vez maior de pessoas com quadros de ansiedade, depressão e *burnout*, síndrome que entrou para a Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS) em janeiro deste ano. A pandemia contribuiu para esse cenário e o Brasil se tornou o segundo país do mundo que mais busca informações sobre ansiedade no Google. Afinal, o que isso quer dizer sobre a sociedade contemporânea? E quais formas práticas que visam qualidade de vida e bem-estar podem virar essa chave?

Em *Sociedade do Cansaço* (Vozes, 2015), o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, considerado um dos grandes pensadores da atualidade, reflete sobre o fato de que instituições políticas e empresariais mudaram o sistema de punição, hierarquia e combate ao concorrente pelas positivities do estímulo, eficiência e reconhecimento social, e superação das próprias limitações. Ou seja, em um momento da história em que poderíamos trabalhar menos e ganhar mais, a ideologia da positividade conduz as pessoas a trabalhar e a se cobrar mais resultados. Mesmo assim, elas recebem menos e adoecem.

“Byung-Chul Han faz uma análise desse cenário do capitalismo contemporâneo articulado a toda problemática das redes sociais onde a máxima vigilância, e ao mesmo tempo a máxima visibilidade, geram esse mecanismo de coerção que faz com que o indivíduo use sua própria liberdade de maneira paradoxal. Onde ele, como ‘empreendedor de si mesmo’, está sempre procurando maximizar seus resultados em todas as esferas da vida”, observa Leandro Chevitarese, mestre em filosofia e psicossociologia, professor associado de Filosofia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Departamento de Educação e Sociedade.

Na atual sociedade do desempenho, como descreveu o filósofo sul-coreano, os indivíduos se cobram não só metas cada vez mais inatingíveis como também a capacidade de executar múltiplas tarefas simultaneamente para ser visto e validado pelo olhar do outro. “Importante enfatizar que muito deste cenário da sociedade do desempenho deve-se à atual dinâmica do capitalismo em sua articulação com nossa imersão no mundo digital e nas mídias sociais, que favorecem a hipercomunicação e a hipervigilância: elementos que contribuem para o esgotamento e o cansaço”, destaca Chevitarese.



Ilustração: Fernanda Rodrigues

Conseqüentemente, fica evidente uma desconexão com as próprias necessidades de pausa e de práticas que visam a manutenção da saúde física, mental, emocional e espiritual. Deixa-se de ouvir, inclusive, o próprio relógio biológico que aponta, por exemplo, para a importância vital do sono. “Boa parte dos problemas de saúde nas grandes metrópoles tem a ver com o sono de baixa qualidade. É fator de risco para diabetes, obesidade, doenças cardiovasculares e, no limite, Mal de Alzheimer. O sono é um momento de restauração fisiológica do corpo inteiro, não só do cérebro. É também o momento em que as memórias são processadas”, já disse o neurocientista Sidarta Ribeiro, à *Revista E* [[Leia Encontros publicado na edição nº 285, em julho de 2020](#)].

Talvez o que esteja em xeque nesse cenário seja a possibilidade de uma outra experiência do tempo, segundo o filósofo e professor Chevitarese. “Uma outra experiência em que sejamos capazes de nos demormos junto às coisas, de exercitarmos um tipo de contemplação reflexiva que não nos deixe sempre estar capturados pelo pensamento calculativo de resultados, metas e objetivos”, reflete.

RECONEXÃO COM O MEIO

Para nadar na contracorrente dessa forma hiperprodutiva e hipervigilante de viver e conviver, torna-se imprescindível o investimento em qualidade de vida. Conceito este que a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Essa busca por qualidade de vida ainda envolve a consciência do lugar onde estamos inseridos e nossa relação como parte integrante do meio ambiente.

Pensando num caminho de reconexão com áreas verdes no espaço urbano, a organização não-governamental Floresta Cultural realiza ações que buscam a preservação de uma área de 257 mil metros quadrados na cidade de Sorocaba (SP), a fim de transformá-la em uma Floresta Municipal. Dentre diversas vivências voltadas para todos os públicos, de crianças a idosos, está o Banho de Floresta, criado em 2021. Prática oriental milenar que consta na legislação japonesa para promoção de saúde e bem-estar, no banho de floresta a pessoa dispõe de um tempo para estar presente em espaços verdes, matas ou florestas, aceitando o convite para desacelerar e receber novos estímulos e benefícios à mente e ao corpo.

Foto: Camilla Pedroso





Foto: Luciana Santana

Banho de Floresta é uma das vivências realizadas pela ONG Floresta Cultural para reconexão com a natureza e preservação de uma área de 257 mil metros quadrados em Sorocaba (SP)

“No Banho de Floresta acrescentamos temáticas no percurso das trilhas dentro da Floresta, explicamos para as pessoas o que é esse local que estão trilhando, fazemos uma educação ambiental de conscientização, ouvimos os sons da Floresta em silêncio e fazemos paradas de descanso e meditação”, descreve o engenheiro florestal André Fogaça Purificação, um dos idealizadores e pesquisadores dessa ação. Ao público é feita a proposta de ficar ao menos 30 minutos em uma área verde, “o que relaxa a mente, descansa os olhos (a pigmentação verde tem influência sobre os receptores ópticos), diminui a pressão cardíaca e equilibra a respiração, uma vez que, durante o cotidiano, respiramos de maneira errada sem perceber”, complementa.

Para o pesquisador, o mais interessante dessa experiência é que o cérebro humano registra esse aumento de serotonina do contato com áreas verdes. E quando o efeito passa, a pessoa logo sente saudade e a necessidade de querer mais contato com a Floresta. “O ser humano, como animal biológico, sempre terá a tendência de voltar a sua origem de forma natural e orgânica”, atesta André.



Pela iniciativa Ipesã, o Coletivo Preto Império realiza Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) na Zona Norte de São Paulo

DIREITOS E CONDIÇÕES

Em São Paulo, no distrito de Brasilândia, Zona Norte da cidade, o Coletivo Preto Império também cria caminhos para a promoção de saúde e qualidade de vida dos moradores da região – populações negras, indígenas, tradicionais e periféricas. Para isso, o coletivo conta com uma sede na Vila Teresinha, desde 2018. Dimas Reis, relações públicas e responsável pela gestão, planejamento e execução operacional do Preto Império, explica que, desde a criação do espaço físico, muitas práticas de autocuidado e bem-estar vêm sendo desenvolvidas, como o projeto Arrenda Horta, que ressignifica a produção e relação com os alimentos a partir de oficinas de permacultura e hortas urbanas somadas à articulação do coletivo com agricultores e outros produtores de alimentos orgânicos da Zona Norte.

“Além do Arrenda Horta, a gente tem outra iniciativa que é o Ipesã, em que fazemos atendimentos terapêuticos: as PICS (Práticas Integrativas e Complementares em Saúde) como no SUS, trazendo reiki, massoterapia e outras práticas aos moradores do território. Então, temos um espaço terapêutico onde a gente faz atendimentos a baixo custo e, para além disso, a gente desenvolve ações e

programações culturais que estão totalmente ligadas à saúde física e mental”, destaca Dimas.

Tendo em vista que são muitas as definições que permeiam o que é qualidade de vida, já que isso envolve uma série de fatores e cenários econômicos, sociais e culturais, para o Coletivo Preto Império, ela está diretamente associada ao “básico para um ser humano desenvolver suas capacidades e para além de desenvolver, poder viver sua vida em vez de sobreviver”, reforça.

“Com base na atuação do Coletivo Preto Império, qualidade de vida para a gente tem a ver com direito à moradia, com direito à fauna e à flora, tem a ver com a garantia de qualidade de acesso ao meio ambiente e aos recursos ambientais, à água limpa, à saúde e educação de qualidade. Mas, o que a gente vê é que nossa saúde mental está sempre em risco pela coerção policial, pela não-garantia de empregabilidade, pelos riscos de desabamento. Como nas periferias as pessoas estão postas à margem de direitos básicos, fica muito difícil garantir uma qualidade de vida. E para a gente, ela existe quando há acesso a recursos e a ambiências que vão possibilitar um bem-viver.”

BÚSSOLA PRÓPRIA

A partir de condições básicas de vida em sociedade, é possível recalcular sua própria rota e abraçar um bem-viver consigo e com outros. E isso também faz parte de um processo de autoconhecimento. “Final, o que eu desejo para mim? O que de fato eu preciso para estar bem? Para me sentir bem? E o que eu posso? Acho que com essas perguntas é possível navegar um pouco melhor, ter uma orientação um pouco mais clara no que diz respeito a cuidados e estratégias de bem-estar. Não é porque ‘o outro faz e diz’ que determinada ação é boa ou que ela vai funcionar para mim. Esse autoconhecimento é necessário, essa reflexão crítica e mais sintonizada com as necessidades, os desejos e as possibilidades de cada um. Porque cada um tem necessidades singulares”, pontua o psicanalista Paulo Carvalho, professor do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Nesse sentido, numa sociedade que está em constante pressão para cumprir metas, repensar valores e hábitos pode ser o primeiro passo para a desconpressão. “O que parece estar em jogo é, acima de tudo, sermos capazes de reformular a pergunta: o que significa qualidade de vida? Parece que fomos programados a ter esta resposta pronta e acabada, em geral associada a um modelo de consumo ou de sucesso pré-estabelecido; todavia, o enfrentamento desta questão é o desafio que pode nos tornar mais capazes de viver melhor no mundo contemporâneo”, conclui Chevitarese. ■

(Por Maria Julia Lledó)



PRATICAR MUDANÇAS

SÉRIE DE ATIVIDADES BUSCA PROMOVER REFLEXÕES SOBRE QUALIDADE DE VIDA EM SEUS DIVERSOS CONTEXTOS E SIGNIFICADOS

De 5 a 17 de abril, a quinta edição do projeto *Inspira - Ações para uma vida saudável* promove uma série de bate-papos, palestras, exposições, oficinas, cursos e vivências em formato presencial e online sobre diversos conceitos de qualidade de vida, aplicados em diferentes contextos das relações humanas. Atividades que buscam propor reflexões e apresentar iniciativas que possam impactar positivamente a vida no espectro individual e coletivo.

“O tema ‘qualidade de vida’ apresenta complexidade em sua definição pois está relacionado à percepções e sensações de bem-estar a partir de conexões que influenciam diretamente o olhar sobre a saúde, o trabalho e o meio ambiente. Nesse sentido, esta quinta edição do *Inspira* amplia as discussões sobre como melhorar a expectativa de vida e seus conceitos de bem-estar, em especial, após os impactos da pandemia”, explica Fernando Andrade de Oliveira, assistente técnico da Gerência de Saúde e Odontologia do Sesc São Paulo.

Confira alguns destaques da programação:

SOROCABA

Vivência

Em cantos de Sorocaba: Floresta Cultural

Luanda e André, guardiões da Floresta Cultural, são voluntários que se dedicam aos cuidados desta área verde urbana, um refúgio em meio a casas, prédios e condomínios do Parque 3 Meninos, em Sorocaba. O projeto é resultado da iniciativa civil pública que vem transformando, desde 2016, esta área antes degradada, com lixo e entulho, através da mobilização de voluntários da comunidade. Nesta proposta, os guardiões da floresta convidam os participantes a praticar o repouso e o lazer consciente.

A Floresta Cultural é fruto de muito trabalho, sonhos e ações diárias de cidadãos sorocabanos. Seus 257 m² formam um mosaico de Mata Atlântica, com manchas de cerrado e mata ciliar. Está ligada também a 5 nascentes, afluentes do rio Sorocaba, e uma fauna catalogada de mais de 120 espécies de aves, borboletas e pequenos mamíferos.

Dia 2/04, sábado, das 7h30 às 10h30 – Atividade presencial - gratuita

PINHEIROS

Bate-papos

- ▶ *Qualidade de vida no trabalho*, com o psicanalista [Christian Dunker](#).
Dia 5/04, terça-feira, das 19h30 às 21h30.
Atividade online.
- ▶ *Qualidade de vida e sexualidade*, com Thais Machado Dias.
Dia 6/04, quarta-feira, das 19h30 às 21h30
- ▶ *Qualidade de vida – eixo sociedade*, com o médico patologista [Paulo Saldiva](#).
Dia 12/04, terça-feira, das 19h30 às 21h30



Foto: Gisele Porto



Foto: Paulo Saldiva (Autorretrato)

JUNDIAÍ

Oficina

Quem escuta bem, se expressa bem!

Nesta oficina ministrada pela cantora, compositora e professora de canto Giselle Maria, os participantes irão vivenciar práticas e abordagens teóricas sobre temas como relacionados ao uso da voz: projeção (vocal/articulação), diferenças entre ouvir e escutar, entre voz, fala e linguagem, relaxamento, sensibilização e percepção (escuta de canções).

(Dia 6/04, quarta-feira, das 14h às 17h. Inscrições gratuitas: inscricoes.sescsp.org.br, a partir de 1º de abril, às 14h).



Foto: Marcello Vitorino

CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO

Minicurso online

Sociedade do Desempenho: uma reflexão sobre os desafios da era digital

A partir da obra do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han, o mestre em filosofia e psicossociologia Leandro Chevitarese traz reflexões sobre os desafios ocasionados pelas novas formas de violência neuronal na sociedade contemporânea e as influências da era digital neste cenário. (De 7 a 18/04, segundas e quintas-feiras, das 15h às 16h30. Inscrições gratuitas: www.centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br).

AVENIDA PAULISTA

Bate-papo

Aquilombar para o bem-viver: Sobre vivências e (r)existências

Realizada pelo coletivo formado por psicanalistas Margens Clínicas, a conversa presencial é voltada para pessoas negras, LGBTQIA+, indígenas, habitantes de regiões periféricas da cidade interessados em pensar as possibilidades de (r)existência às violências da colonialidade. Será oferecido um espaço de cuidado cuja proposta é uma reorientação ética.

(De 7/4 a 5/5, quintas, das 18h às 20h – exceto dia 21/04).

SANTANA Vivência

Rito de mim: Vivência auto sensível

Que tal vivenciar um roteiro terapêutico, multissensorial? Nesta atividade presencial, os participantes são convidados a se reconectarem consigo em meio à coletividade. Por meio das culturas tradicionais brasileiras e de artes performáticas, o coletivo Preto Império propõe aos participantes uma reflexão sobre o amor próprio e projetos de futuro. (Dia 7/04, quinta-feira, das 17h30 às 21h30. Inscrições gratuitas: www.inscricoes.sescsp.org.br)



Foto: Priscilla Reis

SANTO ANDRÉ

Curso

Mindfulness e trabalho: controle suas emoções

Ministrado pelo neurocientista Fernando Rios, a atividade presencial *Mindfulness e trabalho: controle suas emoções* apresenta a técnica de meditação focada na atenção plena, e que pode ser praticada em diferentes situações e ambientes, inclusive no trabalho. (Dia 9/04, sábado, das 14h às 16h. Inscrições gratuitas no local com 30 minutos de antecedência).

GUARULHOS

Feira

Roda da saúde: descobertas e escolhas saudáveis

Nesta feira de experimentação de práticas associadas à promoção da saúde preventiva e integrativa, o objetivo é incentivar a autonomia para o autocuidado e atenção plena. Estarão presentes: Mato no Prato, Vi Verde Amor, Ana Carla Botelho, Viva Alecrim e Educadores de Atividades Físico-Esportivas e Agentes de Educação Ambiental dessa unidade do Sesc. Os participantes vivenciarão práticas relacionadas à atividade física e movimento, equilíbrio mental, alimentação saudável e nutrição, natureza, relacionamento interpessoal e espiritualidade. (Dias 16 e 17/4, sábado e domingo, das 10h às 14h, no Centro de Educação Ambiental Externo)



Foto: Mato no Prato / Divulgação

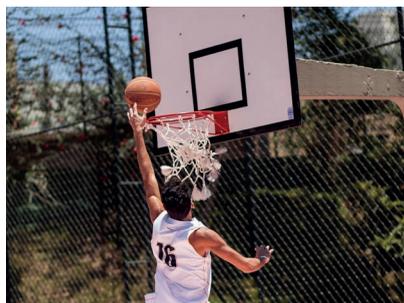
BEM-VIVER EM AÇÕES

Criado em outubro de 2019, o Programa Bem Viver busca a melhoria do ambiente de trabalho e do bem-estar dos diversos grupos de empregados do Sesc São Paulo, considerando as características e atribuições de cada um. Para isso foi estabelecido na Gerência de Desenvolvimento de Pessoas o Núcleo de Bem-estar, Saúde e Qualidade de Vida, com uma equipe multidisciplinar dedicada a conceber, orientar, estruturar e desenvolver ações voltadas aos empregados, dependentes, estagiários, aprendizes, aposentados e terceirizados. Com base em cinco linhas de ações – Cuidados com a saúde física; Incentivo à alimentação saudável; Cuidados com a saúde mental e emocional; Cuidados com o uso abusivo de drogas; e Disseminação da cultura e dos valores institucionais – são criados e estruturados processos educativos, tendo como perspectiva a saúde coletiva.



Foto: Danilo Silva

Rodas de Conversas no Sesc Araraquara



Cursos gratuitos de diversas modalidades esportivas individuais e coletivas, para iniciantes e praticantes de todas as idades.

**Inscrições abertas para credenciados.
Escolha sua atividade e comece a praticar!**

Esporte Criança

Turmas para crianças
3 a 6 anos de idade
6 a 10 anos de idade

Esporte Jovem

Turmas para jovens
10 a 13 anos de idade
13 a 16 anos de idade

Esporte Adulto

Turmas para iniciantes e praticantes de diversas modalidades esportivas, a partir de 16 anos de idade

Esporte para Idosos

Prática e aprendizado de diversas modalidades esportivas, a partir de 60 anos de idade

Consulte na unidade do Sesc de seu interesse, as informações sobre modalidades, dias e horários.



Consulta de vagas e pré-inscrições em
sescsp.org.br/inscicoes



Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP - Fundo Gilia de Mello e Souza

O escritor Mário de Andrade, cuja vida e obra buscavam expressar as origens e identidades nacionais

Homem-multidão

O MÚLTIPLO E DIVERSO LEGADO DE MÁRIO DE ANDRADE,
UM DOS PROTAGONISTAS DO MOVIMENTO MODERNISTA DE 1922

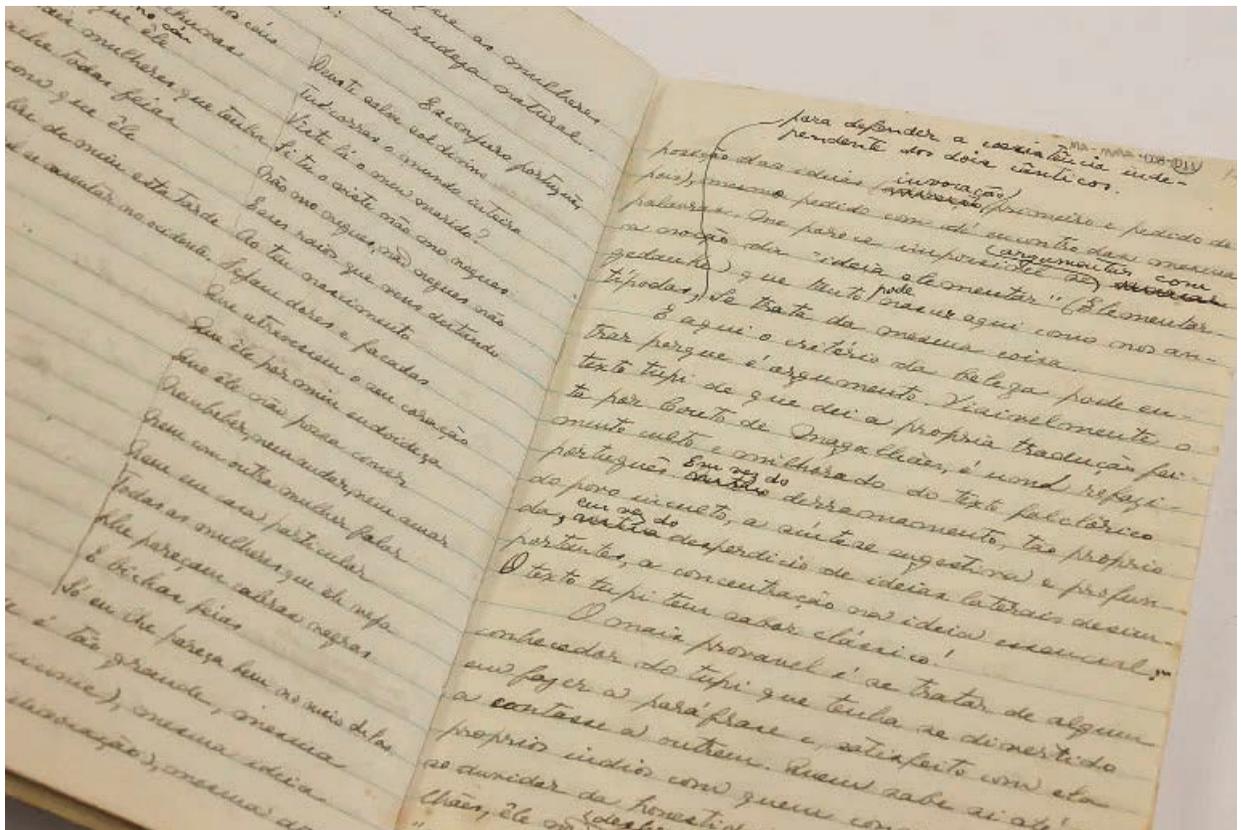
O Carnaval mal havia terminado quando, em 25 de fevereiro de 1945, um domingo, o escritor Mário de Andrade foi enterrado no Cemitério da Consolação, na região central da capital paulista. A cidade, que amou profundamente em 51 anos de vida e foi um dos seus objetos de interesse intelectual mais sérios, guardou silêncio em homenagem ao célebre morador da Barra Funda – adorador da folia de Momo, boêmio, carismático e, ao mesmo tempo, tímido e religioso. O crítico literário Antonio Candido (1918-2017) relembrou a cerimônia, em 1992, em depoimento que integra o acervo do Centro Cultural São Paulo (CCSP). “Durante o velório de Mário de Andrade, o biógrafo Edgard Cavalheiro (1911-1958) me perguntou, no jardimzinho que havia na frente da casa: ‘Para encontrar na literatura brasileira uma morte desta importância é preciso voltar até quando?’ Respondi: ‘Até a morte de Machado de Assis.’ ‘Pois é exatamente o que estou pensando’, disse (Edgard). ‘Machado de Assis em 1908 e Mário de Andrade agora’”.

Além da São Paulo, que abandonava os ares provincianos para se tornar uma metrópole industrial, outras paisagens do Brasil e, sobretudo, a sua gente, também seriam desbravadas na vasta obra deixada pelo criador de *Paulicéia Desvairada* (1922) e *Macunaíma* (1928). Coube a Mário de Andrade compreender e registrar, como poucos, o que constituía aquele país tão contraditório, complexo e multifacetado – e que, no começo do século 20, pouco conhecia a si próprio. Não por acaso, o poeta, romancista, musicólogo, ensaísta, crítico e historiador de arte, folclorista, fotógrafo e gestor público esteve no centro do período de efervescência cultural cujo marco divisor foi a Semana de Arte Moderna de 1922. E segue, um século depois do histórico evento, gerando reflexões sobre as raízes brasileiras nas quais mergulhou com devoção.

A GÊNESE DO NOVO

O movimento modernista tinha à frente o chamado *Grupo dos Cinco*, formado por Mário em conjunto com as pintoras Anita Malfatti (1889-1964) e Tarsila do Amaral (1886-1973) e os escritores Oswald de Andrade (1890-1954) e Menotti del Picchia (1892-1988). Em uma época marcada pela busca da renovação artística, a relação e interação estabelecida pelo *Grupo dos Cinco* – especialmente por meio do intercâmbio de cartas – pode ser divisada por alguns ângulos de análise, conforme elucida o sociólogo Mauricio Trindade da Silva, autor do recém-lançado *Mário de Andrade, epicentro*, pelas Edições Sesc São Paulo.

“Primeiro, a aproximação por parte da amizade entre eles – antes mesmo da Semana de Arte Moderna – permite uma leitura que recupera os princípios que os uniram: desejo do novo na produção artística; combate ao ‘passadismo’ (em contraposição ao que seria moderno e, depois, caracterizado como modernista); a necessidade de identificar (e às vezes defender) os artistas que já estavam imbuídos de princípios vanguardistas, mesmo que ainda em fase inicial em termos de desenvolvimento da linguagem incorporada, entre outros aspectos”, detalha o pesquisador.



Anotações folclóricas de Mário de Andrade oferecem testemunhos importantes sobre o Brasil do século 20

GOTA A GOTA

Mário Raul de Moraes Andrade, o rapaz negro nascido em 1893, cinco anos após a assinatura da Lei Áurea, tinha origem modesta – o pai era contador e a mãe, filha do advogado e político Joaquim de Almeida Leite Moraes (1835-1895). Estudou piano e, jovem adulto, foi professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Segundo Maurício Trindade da Silva, de 1917 (ano da estreia literária do modernista, com a publicação de *Há uma Gota de Sangue em Cada Poema*, assim como da realização da polêmica exposição de Anita Malfatti e momento em que o poeta trava contato com Oswald) até pelo menos 1921, o escritor realizou uma busca autodidata incessante. Seu objetivo era preencher a lacuna de formação que o distanciava, por exemplo, de alguém viajado ou já versado nos acontecimentos culturais europeus, a exemplo de Oswald de Andrade. Tal procura refletiu em suas atuações na área cultural e criação literária até se tornar, ao longo dos anos, um projeto de vida.

“Mário leu muito, estudou, aprendeu novos idiomas (alemão sendo um deles) e assinou revistas

estrangeiras. Deixou registrado que o contato com a arte moderna ocorreu não por um processo intelectual, mas sim sentimental, visual – ao observar os quadros expressionistas de Anita Malfatti”, comenta. “Em 1922, com o *Grupo dos Cinco* já constituído (o que ocorreu após a chegada de Tarsila do Amaral, em junho, vinda de período de estudos na França), os relatos deles próprios mostram, numa linha talvez mais idealizada, como se reuniam para debater o que sabiam acerca da arte moderna e, também, apresentar e discutir as obras em realização”, aponta Silva.

“Havia, ainda, o lado da tensão, de uma certa rivalidade entre eles, porque a crítica feita no grupo – segundo dizeres do próprio Mário de Andrade – ocorria de maneira sincera e aberta, numa clara sinalização também de competição, que pode ser lida como uma relação de ‘interdependência’ tensa e conflitiva. Por isso que em 1929, Mário e Oswald rompem definitivamente”, acrescenta. *[Leia mais no box Tantas vozes]*.

TURISTA APRENDIZ

Um pouco antes da ruptura do grupo, Mário de Andrade adentrara na fase do nacionalismo estético em sua produção. Em 1927 realizou a primeira das duas viagens etnográficas que marcariam sua vida e obra para sempre. Como destino, o Amazonas e o Peru. Já na segunda incursão viajante (1928-1929), ele percorreu os estados do Nordeste. As ocasiões estimularam o alto ímpeto colecionista do escritor – seus objetos, obras de arte, biblioteca e arquivo pessoal foram declarados patrimônio nacional em 1995. O próprio Mário de Andrade foi um dos autores do anteprojeto da criação do órgão federal hoje denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) [*Leia mais no boxe Relicários de Mário*].

Quando esteve à frente do Departamento de Cultura de São Paulo, em 1938, implantou o ousado projeto Missão de Pesquisas Folclóricas. Nele, colaboradores de peso eram enviados para o Norte e Nordeste do Brasil para registrar manifestações da cultura popular. Entre os participantes das expedições estão os compositores Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e Camargo Guarnieri (1907-1993).

Sua atuação no Departamento assim como seu anteprojeto de 1936, que serviu como um das bases para a inovadora legislação que nasceria um ano depois e que regulamenta até hoje o tombamento de bens culturais (decreto-Lei 25), bem como suas excursões às diversas regiões do Brasil mostram o comprometimento de um intelectual com as referências múltiplas dos brasis que estão mergulhados nesse país-continente”, explica o

historiador Yussef Daibert Salomão de Campos, professor da Universidade Federal de Goiás (UFG). “Mário, que chegou a trocar uma ida a Paris para pesquisar o folclore brasileiro, é um dos exemplos de mentes que, com o cuidado para não cairmos no anacronismo, pendia para a promoção das matrizes culturais locais sem, contudo, afiançar as estrangeiras”, complementa.

Para o historiador, dentre as muitas facetas de Mário de Andrade, a que melhor dialoga com o Brasil de hoje é a sua condição de polímata, ou seja, de indivíduo que estuda, ou que conhece, muitas ciências. “A cultura, com suas dinâmicas e múltiplos caracteres, não pode ser entendida como algo estanque e engessado. E Mário já nos mostrava isso há um século. Ele ombreou a dita ‘cultura erudita’ com a ‘popular’, Aquilo que chamamos de imaterial na gestão do patrimônio desde a Constituição de 1988, devemos parcialmente ao trabalho e à pesquisa do modernista paulista”, pontua.

Segundo o docente, “os modos de expressão, ofícios, saberes e celebrações tidas como bens culturais e objetos de políticas públicas de patrimônio desde 2000 são categorias que já estavam, ainda que por uma perspectiva semelhante, no horizonte do periscópio de Mário de Andrade”. Creio que tal legado na gestão da cultura, desde que inclusiva e democrática, como a tentada por ele na segunda metade da década de 1930 em São Paulo, ampliada e popularizada, inclusiva e emancipatória, pode ser uma das chaves para a retomada de um Brasil republicano e democratizante”, vislumbra.



Centro Cultural São Paulo - Acervo de Pesquisas Folclóricas

Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938: viagem para registro da cultura popular do Norte e Nordeste do país

Relicários de Mário

CONHEÇA ESPAÇOS ONDE É POSSÍVEL MERGULHAR NA VIDA E NA OBRA DO VANGUARDISTA PAULISTANO

A presença de Mário de Andrade permanece viva na cidade que tanto o inspirou. No comando do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, o poeta desenvolveu o projeto para a Biblioteca Municipal, que hoje leva seu nome. Partiu dele, também, a implementação da Discoteca Oneyda Alvarenga, sediada no Centro Cultural São Paulo (CCSP), que reúne discos e partituras de músicas brasileiras eruditas e folclóricas (comprados e doados) e cuja organização esteve a cargo da jornalista e folclorista Oneyda Alvarenga (1911-1984).

A Casa Mário de Andrade, por sua vez, funciona na residência onde o escritor viveu de 1921 até sua morte. O sobrado sedia uma ampla programação voltada à literatura, além de abrigar um museu onde está exposta a memorabilia do autor de *Clã do Jabuti* (1927). A maior parte do espólio, no entanto, está presente no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP) desde 1968. Correspondências, partituras,

manuscritos de obras, programas musicais, fotografias, pinturas, gravuras, desenhos, objetos de arte religiosa, popular e indígena fazem parte de um conjunto de mais de 30 mil documentos. Somam-se ainda cardápios, outro curioso objeto de coleção do escritor que era um apreciador da gastronomia.

“O legado de Mário de Andrade difunde-se nos catálogos, nos trabalhos universitários, em exposições, nas edições rigorosas da sua obra; em aulas e eventos de muitos naipes; nas novas dimensões da epistolografia derivadas do estudo da correspondência e da coleção que a divulga, enriquecida de notas. Assim acontece no presente, ultrapassa fronteiras. Consideradas as conquistas técnicas que crescem a cada dia, esse legado continuará a servir nos caminhos futuros garantindo a democratização do saber”, analisa Telê Ancona Lopez, professora emérita da USP, pesquisadora e uma das principais estudiosas da obra do escritor no país.



Foto: André Hoff

A Casa Mário de Andrade, sobrado em estilo eclético projetado pelo arquiteto Oscar Americano (1908-1974) nos anos 1920



Foto: André Hoff

Em diversos livros que compõem a biblioteca andradina é possível identificar dedicatórias de seus autores. As mais de oito mil correspondências, entre recebidas, enviadas e de terceiros, formam, por sua vez, um universo à parte dentro da coleção. “O acervo de Mário dialoga especialmente com os pesquisadores que pretendem compreender o

movimento modernista e levantar novos aspectos. Nessa direção, os documentos, como pensou o escritor, têm a capacidade de ‘fazer a história’, restituindo traços da realidade de uma época no Brasil, ao chancelar datas, acontecimentos na esfera da literatura, das artes e do cinema na sociedade”, destaca a pesquisadora.

SERVIÇO

Casa Mário de Andrade

LOCAL: Rua Lopes Chaves, 546, Barra Funda - São Paulo

SAIBA MAIS: www.casamariodeandrade.org.br

Discoteca Oneyda Alvarenga

LOCAL: Centro Cultural São Paulo (CCSP), Rua Vergueiro, 1000, Paraíso, São Paulo - SP

SAIBA MAIS: centrocultural.sp.gov.br/acervo

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP)

LOCAL: Avenida Professor Luciano Gualberto, 78, Cidade Universitária, São Paulo - SP

SAIBA MAIS: www.ieb.usp.br/acervo



Foto: Sassó Parma

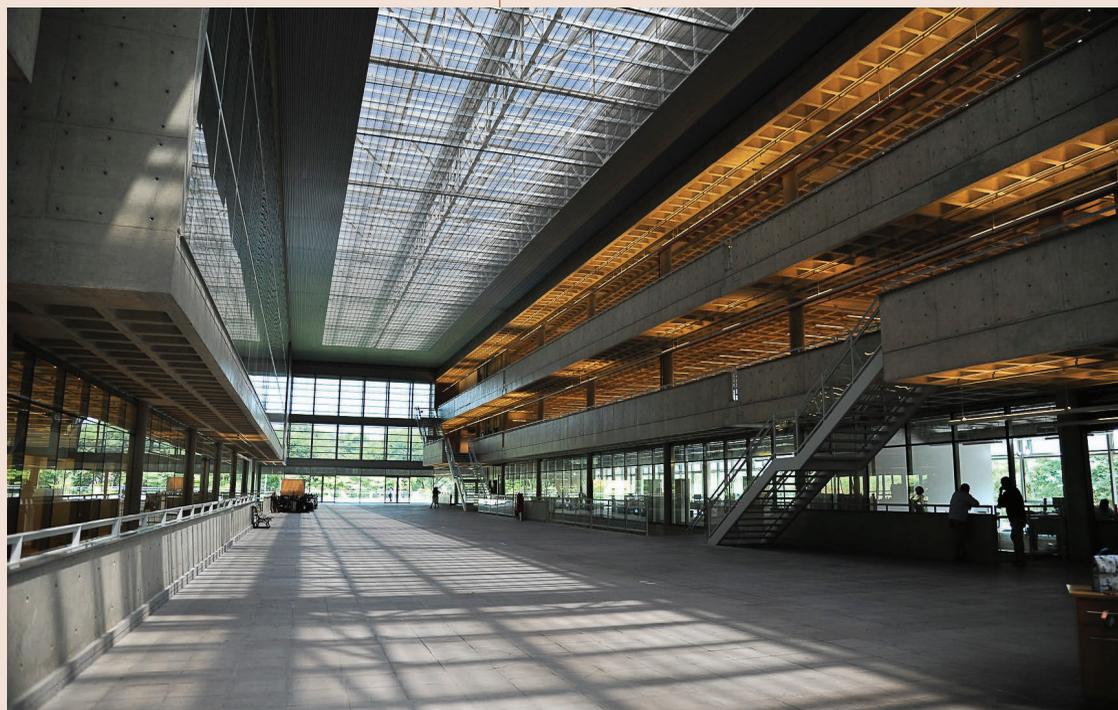


Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

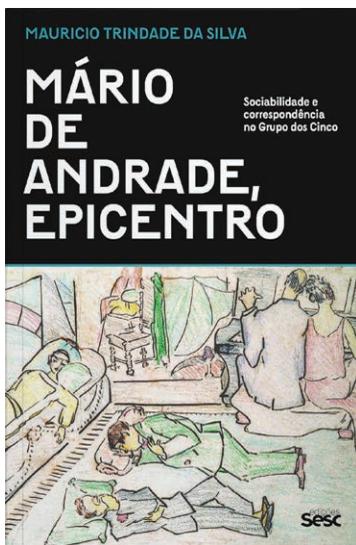
Tantas vozes

LANÇAMENTO DAS EDIÇÕES SESC SÃO PAULO
INVESTIGA AS MISSIVAS DO GRUPO DOS CINCO

Ao aprofundar as pesquisas que resultaram no livro *Mário de Andrade, epicentro* (Edições Sesc São Paulo) durante a realização do doutorado na Universidade de São Paulo (USP), o sociólogo Maurício Trindade da Silva adentrou nas cartas trocadas pelos integrantes do *Grupo dos Cinco*. “O que é surpreendente na correspondência ativa

e passiva de Mário de Andrade é a abertura subjetiva que ele criou com seus interlocutores em duas direções: a primeira, pelo lado da confidência, da confissão e da ‘escrita de si’, a permitir uma análise documental criticamente orientada. E uma segunda, relativa ao empenho em discutir a produção cultural engendrada naquele período, com julgamentos e críticas que hoje contribuem para melhor compreender o que estava em jogo no campo de produção artística entre as décadas de 1920 e 1940, envolvendo os embates e processos de construção de uma linguagem estética modernista”, reflete o autor.

Aliás, o interesse pela correspondência de Mário de Andrade surgiu um pouco antes do desenvolvimento do projeto de doutorado. “O modernismo traz essa marca e é representativo de um processo de transformação cultural, de maneira que adentrei a obra de Mário de Andrade mais pelo lado de uma certa identificação com o rigor intelectual que o caracterizou. Reconheço que não me identifiquei, portanto, e de igual modo, com a obra de Oswald de Andrade. Fui tragado – é bem esse o termo – pela correspondência que o poeta acumulou ao longo de sua vida. Uma correspondência volumosa e ‘monumental’”, atesta.



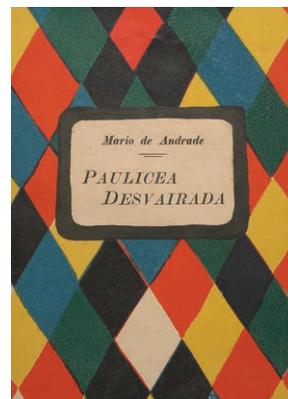
Divulgação

Eu sou trezentos

MÁRIO DE ANDRADE PARA
LER, OUVIR E ASSISTIR

POESIA

Há uma Gota de Sangue em Cada Poema (1917)
Pauliceia Desvairada (1922)
Losango Cáqui (1926)
Clã do Jabuti (1927)
Remate de Males (1930)
Poesias (1941)



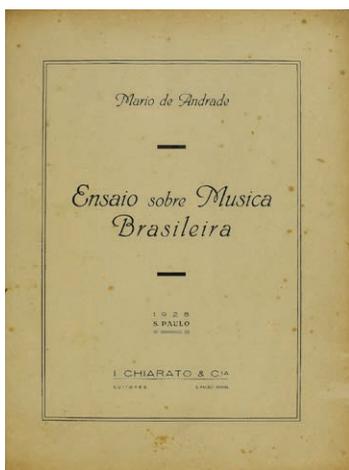
IEB-USP - Domínio público

ROMANCES

Amar, Verbo Intransitivo (1927)
Macunaíma (1928)



Acevo Biblioteca Nacional - Domínio público



ENSAIOS, CRÍTICAS E MUSICOLOGIA

- A Escrava que não é Isaura* (1925)
- Ensaio sobre Música Brasileira* (1928)
- Compêndio de História de Música* (1929)
- O Aleijadinho de Álvares de Azevedo* (1935)
- Lasar Segall* (1935)
- O Movimento Modernista* (1942)
- O Baile das Quatro Artes* (1943)
- O Empalhador de Passarinhos* (1944)

OBRAS PÓSTUMAS

- Lira Paulistana* (1946)
- O Carro da Miséria* (1946)
- Poesias Completas* (1955)



NA INTERNET

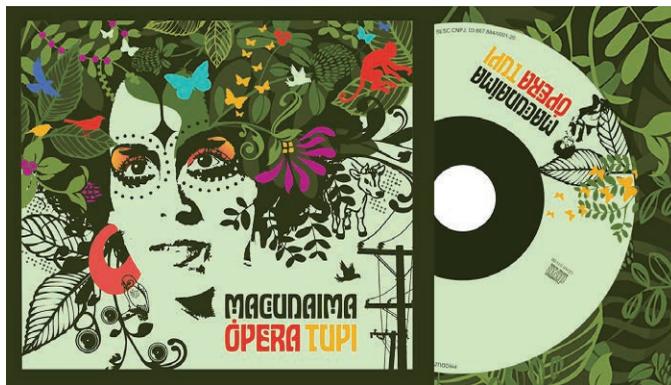
Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) 2015 – Conferência de encerramento: Mário de corpo inteiro, por José Miguel Wisnik:

<https://bit.ly/358ejyc>

Raro registro de Mário de Andrade em vídeo: <https://bit.ly/3wwyb9n>

ÁLBUNS

Macunaíma Ópera Tupi, de Iara Rennó (Selo Sesc): sesc.digital/colecao/macunaima-opera-tupi



AULAS

Perspectivas - Mário de Andrade e Departamento de Cultura - Gestão e Pesquisa:

<https://bit.ly/3JA97IL>

Perspectivas - Mário de Andrade e a Música:

<https://bit.ly/3NdjduR>

Apontamentos histórico-musicais na obra de Mário de Andrade:

<https://bit.ly/3N8Ac1o>

Macunaíma - Atualidade e importância da obra:

<https://bit.ly/3uquM9H>

Seminário Mário de Andrade - Amar e compreender:

<https://bit.ly/3D4ZpFm>

JUVENTUDES À MOSTRA

NARRATIVAS DIVERSAS REFLETEM SOBRE ISOLAMENTO SOCIAL,
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E OUTROS TEMAS NA 30ª EDIÇÃO
DA MOSTRA DE ARTE DA JUVENTUDE

Consolidada como um espaço de discussão, experimentação e renovação das artes visuais, a **MAJ – Mostra de Arte da Juventude** chega a sua 30ª edição com 40 artistas e coletivos participantes entre 15 e 30 anos de idade. O evento, que é bienal desde 2017 e realizado no Sesc Ribeirão Preto, abre ao público, neste ano, no dia 12 de maio, reunindo obras que investigam a produção contemporânea de jovens artistas, suas diversas linguagens e possibilidades.

São pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, instalações, performances, fotografias, colagens, lambe-lambes, estamparias e trabalhos em audiovisual, entre outros suportes. “Queríamos que esses 40 nomes fossem os mais diversos possíveis, tanto em termos territoriais, quanto em termos de gênero, escolaridade, idade e também de suportes e linguagens artísticas”, explica uma das curadoras da mostra, a pesquisadora e educadora Luciara Ribeiro.

Nesta edição, a MAJ recebeu mais de 400 trabalhos das cinco regiões do país, das etnias branca, parda, preta, amarela e indígena, e dos gêneros feminino (a maioria, com 48%), masculino e não-binário. Também houve uma maior participação de artistas selecionados para além do eixo Rio-São Paulo, envolvendo nove estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Piauí, Ceará e Pernambuco) e Distrito Federal.



Foto: Isabella Mathias

▲ *Sen-tro II*, 2021, Flora Valentini.
(Escultura em madeira)



Foto: Isabella Mathias

▲ *Brutus*, 2020-2021, Francisco Brandão.
(Ferro fundido e enferrujado)



Foto: Isabella Mathias

▲ Futuro do Pretérito Mais que Imperfeito, 2021, Gerson Oliveira. (Técnica mista)

Proposições temáticas

A pandemia de Covid-19 se reflete nesta edição da MAJ tanto como gatilho na produção dos trabalhos quanto como tema e meio. O atual contexto sanitário impactou, ainda, a quantidade de inscritos, visto que “as informações e divulgações passaram a circular com muito mais rapidez dentro do mundo digital, o que nos possibilitou ampliar a participação”, observa a curadora Luciara Ribeiro.

Quanto à escolha de temas, muitas obras retratam o isolamento e o momento político. Além disso, as plataformas digitais incorporaram produções antes feitas estritamente fora da tela. Para o curador André Pitol, “houve um labor com os processos digitais, com as câmeras, com o celular

e aplicativos, com o computador”. Dessa forma, ele complementa, “as casas viraram ateliês.” Outra temática presente nesta 30ª edição é a construção de identidades – gênero, raça e classe. “É um debate contemporâneo, com o qual a juventude está preocupada, discutindo, e isso aparece também [na mostra]”, diz Luciara, que acredita que as novas gerações são responsáveis por atualizar a criação artística. “Provavelmente essa será a produção futura das artes”. Alinhada às discussões realizadas pelo Sesc em seu programa que discute as juventudes, a mostra apresenta uma possibilidade de expressão de jovens que já são cidadãos com suas próprias perspectivas de olhar o mundo.



Foto: Isabella Mathias

▲ *Meus Pés Estão Lá Fora*, 2020, Daiely Gonçalves.
(Livro de artista)

As 40 obras selecionadas estão dispostas em um espaço de 240 metros quadrados, uma sala dupla na unidade que foi reformulada especialmente para a exposição. “Há desde objetos singelos e quase imperceptíveis aos visitantes até trabalhos que tomam partido da presença do *eu* e do *nós* nas redes para propor reflexões e contrapartidas dessa faceta do contemporâneo”, detalha o curador André Pitó.

Serviço

30ª Mostra de Arte da Juventude (MAJ)

Sesc Ribeirão Preto

Visitação: De 12/05 a 11/11/2022; Terça a sexta, das 13h às 21h30, sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 18h.

Saiba mais: maj.sescsp.org.br/

* Assista à entrevista com os curadores, acesse:

youtube.com/watch?v=wyAJgEe4m7k





Foto: Isabella Mathews

▲ *Maycon*, 2021, Rafa Black. (Tinta de tecido e acrílica sobre tela)



Foto: Isabela Mathias

▲ Díptico sem título (detalhe), 2020, Bruno Alves. (Tinta acrílica, esmalte sintético, pastel oleoso e colagens sobre tecido não esticado)

Foto: Isabela Matheus



O *Capital* (detalhe), 2021,
TORRES. (Impressão no
papel de ofício, porta-papel
higiênico de plástico e pedra
bruta pirita)



Foto: Isabella Mathias

Ofício n. 04, 2021, Lucas Elias. (Aquarela sobre papel)

▼ *Dança para um Futuro Cego*, 2021,
Maria Macêdo. (Fotoperformance)





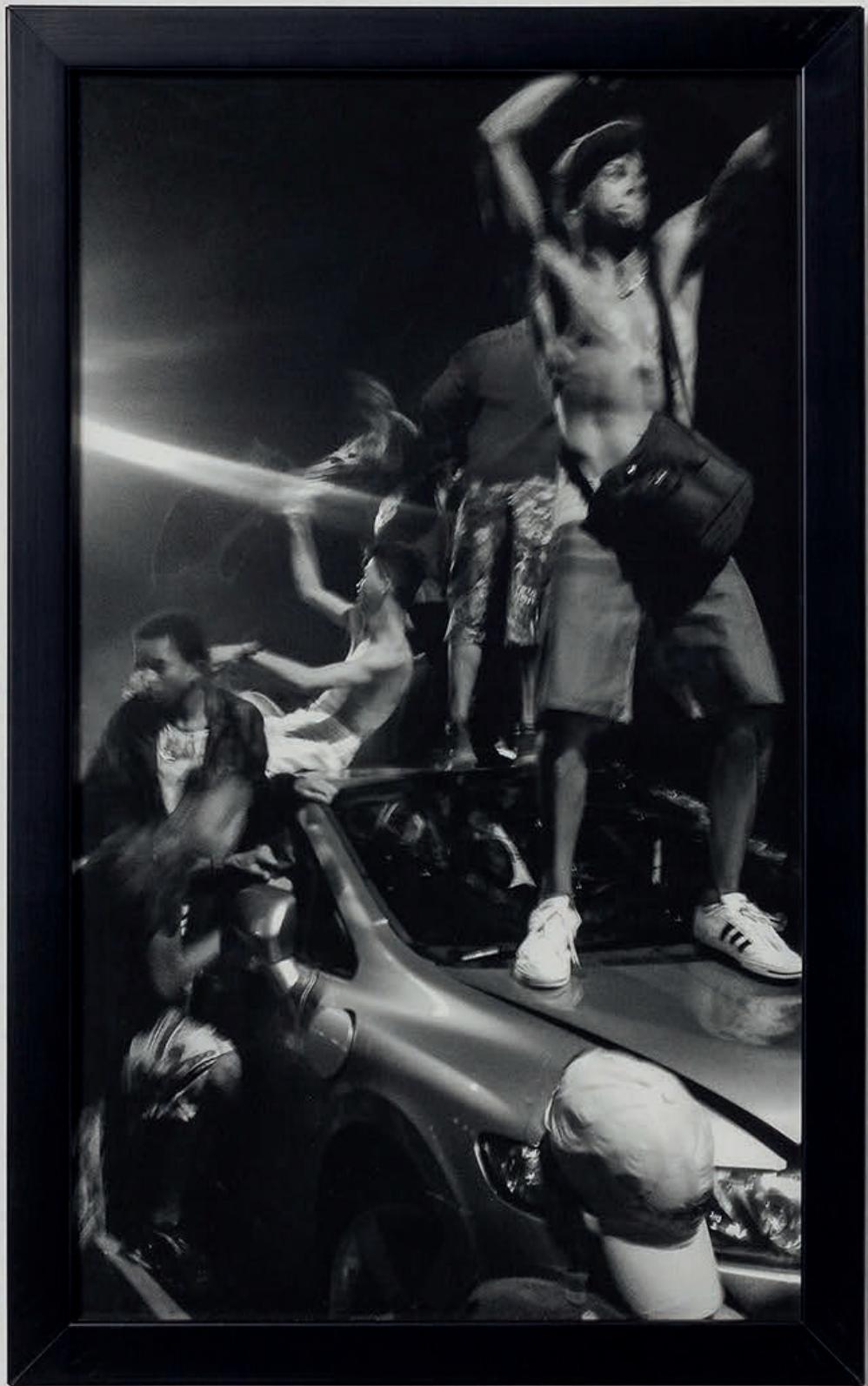


Foto: Isabella Matheus

▲ #fodasOMotoG (detalhe), 2021, cmg_ngm_pod. (Técnica mista: impressão em fineart, fotografia digital em tela de celular)



Foto: Rayane ZaLi e Saullo Ivanov

▲ *Onde se Cala*, 2020, Re.conexões (Rayane ZaLi e Saullo Ivanov).
(Videoperformance: gravações de smartphones e edições audiovisuais)



Foto: Vulcanica Pokaropa

▲ *Desaquenda*, 2018, Vulcanica Pokaropa. (Audiovisual)

“Eu costumava odiar meus pelos. Desde de pequena eu comecei a clarear meu buço, e atualmente quase não tenho mais ele pois comecei a fazer um tratamento a laser que me arrependo até hoje, além de ter sido aconselhado pelo médico (o que eu percebo agora que é meio racista). Tinha vergonha do meu corpo volumoso e minhas curvas e outras características como meu nariz pois, como aconteceu com o buço, eu era motivo de chacota por parte dos brancos e por vezes me diziam “nunca ninguém te irá amar com esse rosto”. Mas, depois de passar uns tempos com acompanhamento psicológico e ter mudado para um ambiente menos agressivo, me senti inspirada a aprender mais sobre a minha cultura persa e a me amar tal como sou.”

Madalena Correia, 17
Ascendências persa e desi

Foto: Isabella Matheus



Foto: Isabella Mathews

*Madalena Correia, 2021, Mari Dagli.
(Pintura com nanquim e tinta acrílica
sobre papel 300 g)*

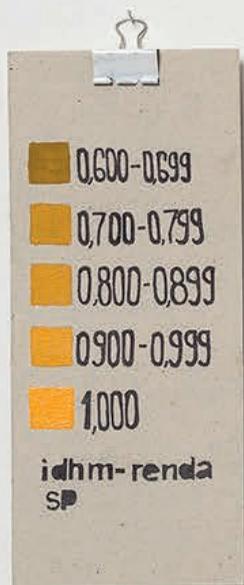


Foto: Isabela Mathias

Amarelo de Carolina
Maria de Jesus
(detalhe), 2020,
Rebeca Ramos.
(Pintura expandida,
tinta acrílica e cimento
sobre papel paraná)



Foto: Guilherme Bretas

▲ *Nossa Pele Reluz como Ouro*, 2021, Guilherme Bretas.
(Animação de fotografias por Inteligência Artificial, motion graphics e video mapping)



Foto: Isabella Matheus

▲ Versões, 2021, Isa Garcia.
(Desenhos a mão livre com caneta nanquim em papel costurados em linho preto)



DO GIBI AO FEED

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PUBLICADAS NA INTERNET

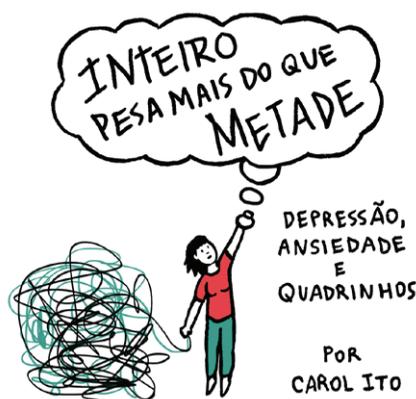
DÃO VISIBILIDADE A NOVOS ARTISTAS E AMPLIAM

DIVERSIDADE DE TEMAS

Se a internet mudou a forma como nos relacionamos, vivemos, consumimos, trabalhamos e fruimos expressões artísticas, não seriam os quadrinhos a ficar de fora dessa história. Na última década, milhares de artistas encontraram nas redes sociais uma plataforma que lhes dá visibilidade e liberdade de criação. Webcomics, quadrinhos online ou web quadrinhos dão nome a esse formato de autopublicação independente que arrebatou leitores e leitoras que já consumiam o gênero literário em páginas impressas, e que agora também atrai um novo público.

A quadrinista Carol Ito publica seus trabalhos nas redes sociais desde 2014, o que, segundo ela, contribuiu para a cena dos quadrinhos. “Atualmente, acho que o Instagram é a rede mais usada por quadrinistas justamente por ser uma rede que prioriza a imagem e por ter uma usabilidade interessante para o quadrinho [nela há a possibilidade de postar as histórias em sequência, no formato carrossel]. Para mim, como artista independente, a rede social foi o começo de tudo e ainda é uma forma de nos comunicarmos com os leitores sem intermediações. Sem necessariamente estar na imprensa ou ter que publicar livros por editoras”, destaca Carol Ito.

Além de proporcionar um espaço para mais artistas criarem e mostrarem seus trabalhos, ampliando, conseqüentemente, sua audiência, as redes sociais ainda se tornaram espaços onde é possível tratar de diferentes temas. “Quanto mais pessoas produzindo de maneira independente e livre de critérios das editoras e de grandes eventos, que muitas vezes são limitadores da criatividade, mais diversidade a gente acaba vendo”, observa a jornalista e mestra em Antropologia Gabriela Borges, criadora e curadora da plataforma digital e revista *Mina de HQ*. Inclusive é essa diversidade de quadrinhos nas redes que fomenta o trabalho de canais como a *Mina de HQ*. “A curadoria que eu faço existe graças às redes sociais porque é onde consigo chegar a esse tesouro dos trabalhos independentes. É justamente na internet, nesses espaços abertos, e mais democráticos, que eu consigo buscar essa pluralidade”, acrescenta.





ARRASTE PARA O LADO

Realizado pelo Sesc Pompeia, o projeto *Quadro a Quadro*, publicado no canal de Instagram da unidade, soma-se a essa cena digital de fomento aos quadrinhos. Todo mês, um/uma artista é convidado/a a criar e publicar uma série semanal, dividida em quatro capítulos – cada qual com 9 quadros. “A ideia foi trazer quadrinistas de todas as regiões do Brasil, tanto pessoas já conhecidas por terem seus trabalhos publicados em grandes editoras quanto artistas que só publicavam na internet”, explica Soraya Idehama, programadora do Sesc Pompeia.

Já foram publicadas mais de 10 histórias desde junho de 2021, narrativas que passeiam por invasões de alienígenas, desilusões amorosas, questões de gênero e outros temas. Entre alguns dos convidados, o quadrinista Rafael Côrrea trouxe para o feed do Instagram *Epílogo*, uma inusitada história de amizade entre um robô e uma vovó num mundo pós-apocalíptico [leia nas próximas páginas]. “Eu gosto muito de histórias mudas e acho um desafio fazer uma narrativa gráfica nesses moldes. O fato de não ter texto amplia o alcance, atingindo um público ainda mais diverso”, conta.



Foto: @ma_willareal

Segundo a programadora do Sesc Pompeia, apesar do tema livre, a curadoria do *Quadro a Quadro* procurou trazer temáticas diversas. “O projeto atentou-se de forma bastante cuidadosa para o momento em que estávamos e também para dar visibilidade aos quadrinhos que expunham questões que estavam pulsando devido à pandemia e de que forma as/os artistas estavam retratando essas situações, como por exemplo, a saúde mental e o isolamento social, em seus trabalhos”, complementa Soraya Idehama.

Foi o caso da webcomics *Inteiro pesa mais do que a metade*, na qual a quadrinista Carol Ito ilustra, de maneira sensível, a forma como ela própria lida com a ansiedade e a depressão. “Foi inevitável falar desse assunto até porque eu estava elaborando essa questão e tentando encontrar caminhos e novos tratamentos. Pensei: vou ter que fazer uma história sobre isso. Inclusive porque, para mim, os quadrinhos também são uma ferramenta terapêutica, uma forma de canalizar o que estou sentindo”, compartilha.



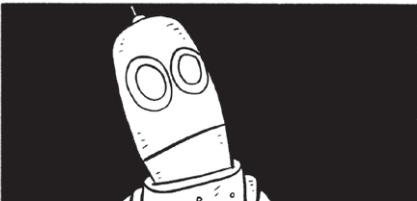
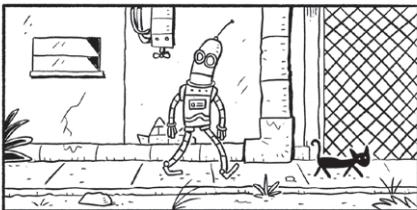
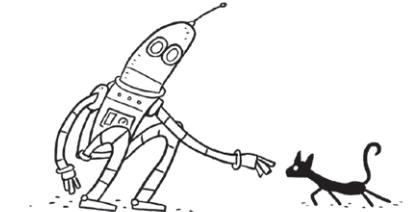
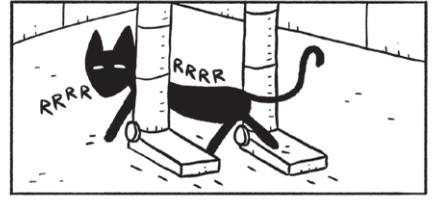
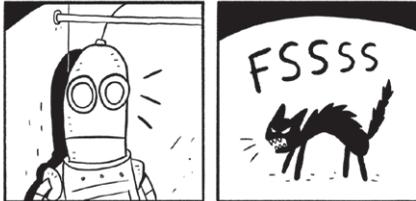
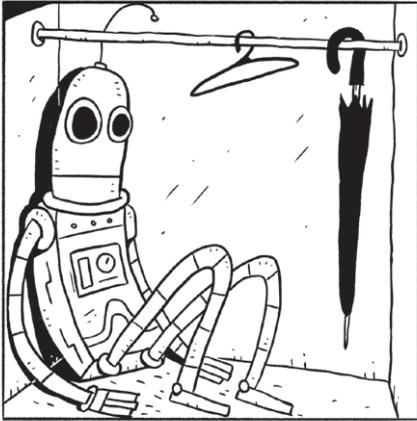
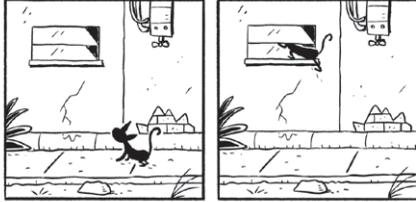
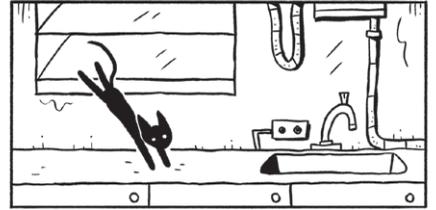
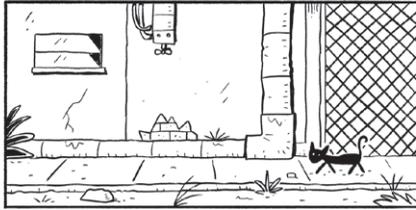
Foto: Marcel Copola

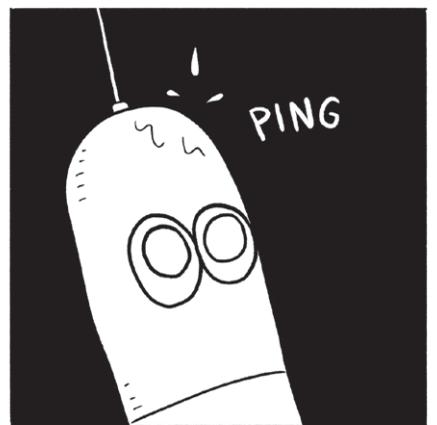
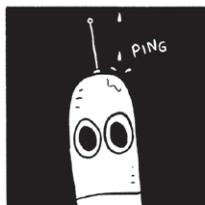
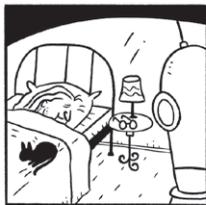
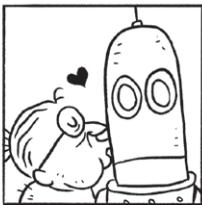
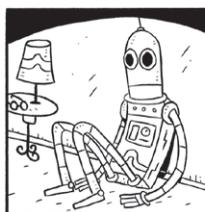
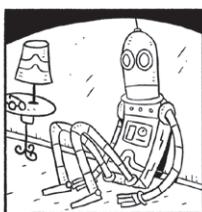
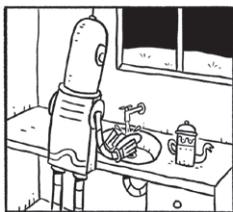
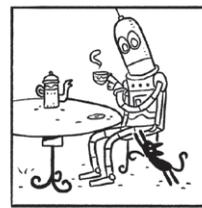
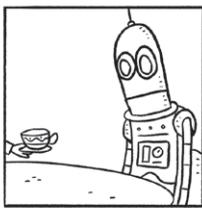
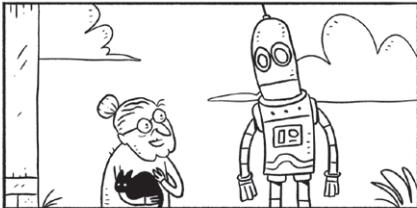
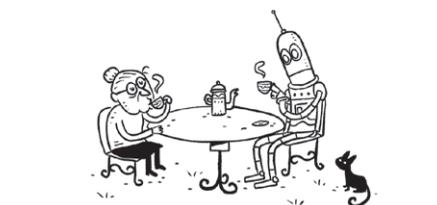
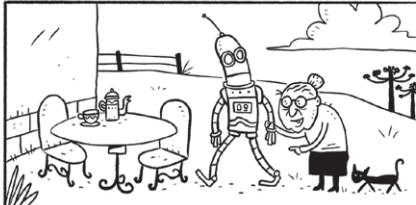
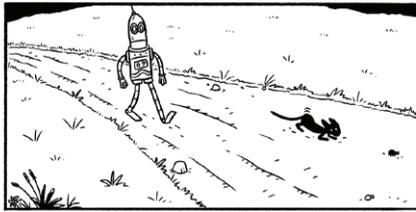
A partir dessa experiência, a autora criou, semana a semana, um roteiro e se surpreendeu com a resposta do público. “Recebi muitos comentários de pessoas vivendo coisas parecidas e que perceberam que precisavam buscar ajuda. Acho que foi bem importante para que pudessem rever o que elas estavam passando”, recorda.

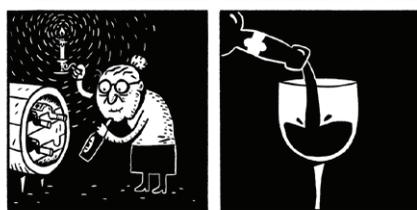
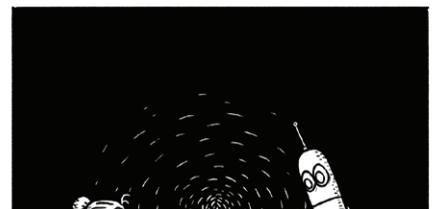
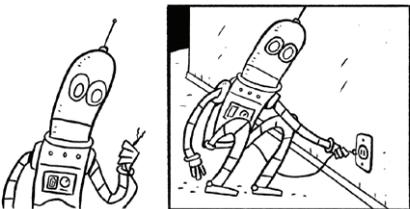
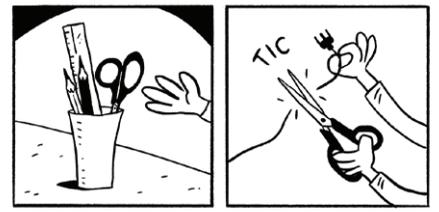
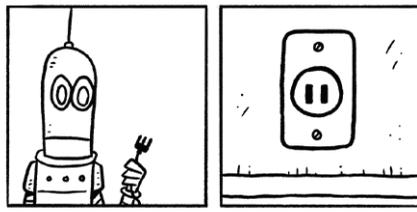
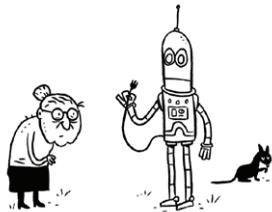
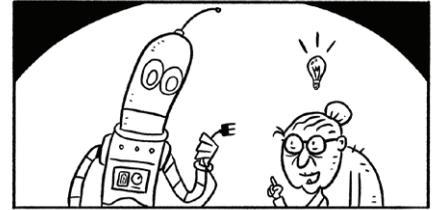
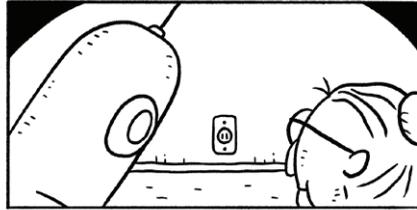
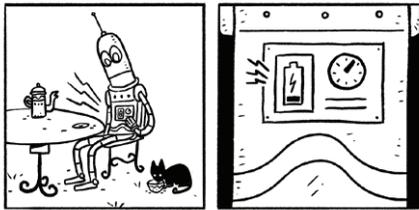
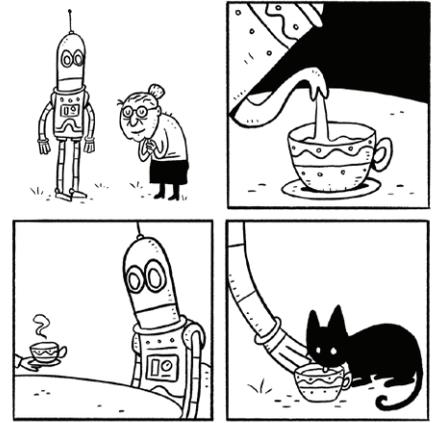
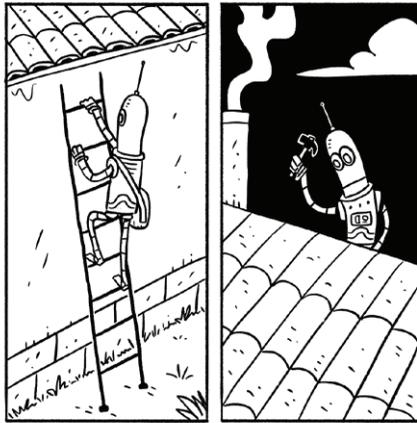
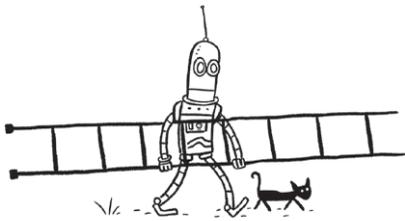
Dessa forma, para além da fruição cultural e fomento da produção autoral brasileira, os web quadrinhos ainda revelam-se como potencial suporte para reflexões. “As mídias sociais e outras ferramentas digitais são importantes não só por atingirem públicos que muitas vezes não conhecem seu trabalho, mas também por promoverem acesso a uma discussão sobre saúde mental, por exemplo, em forma de quadrinhos. E é bem legal que essa troca possa acontecer”, celebra a quadrinista.

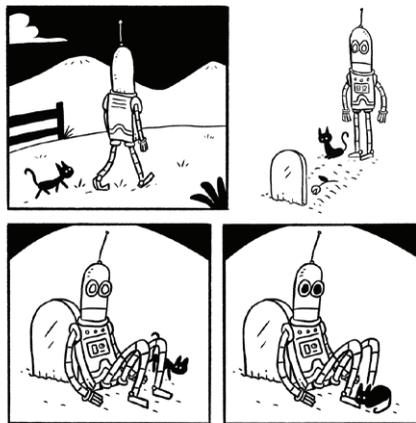
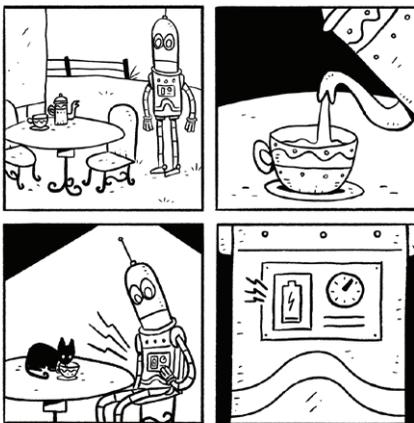
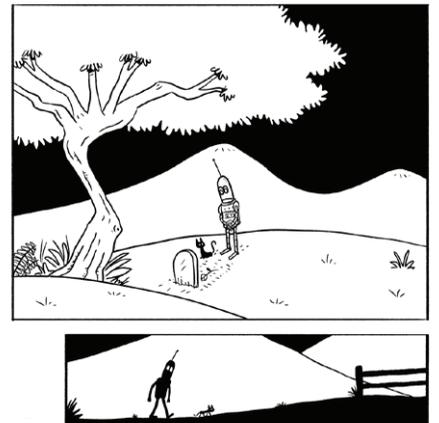
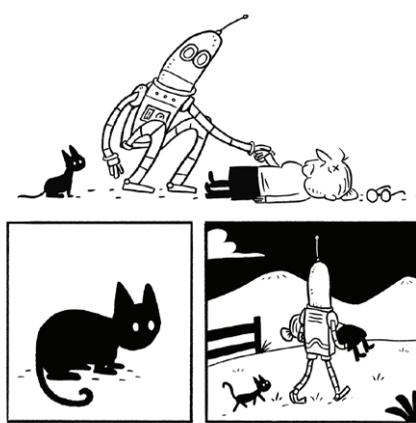
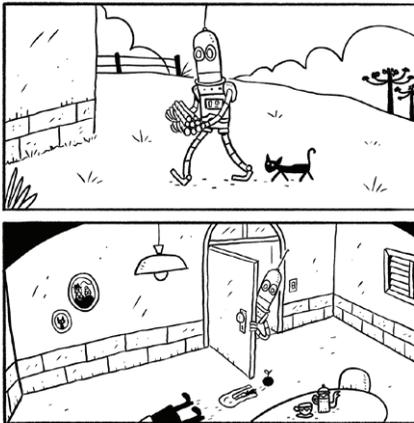
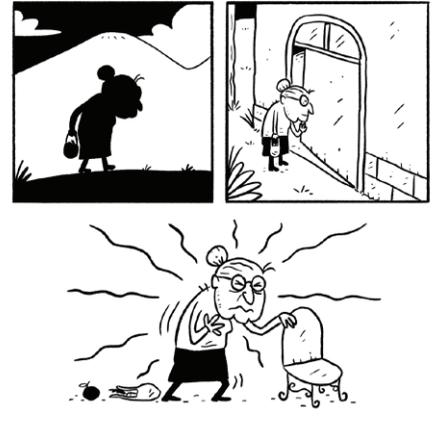
(Por Maria Julia Lledó)

Epílogo









SERVIÇO | Quadro a Quadro

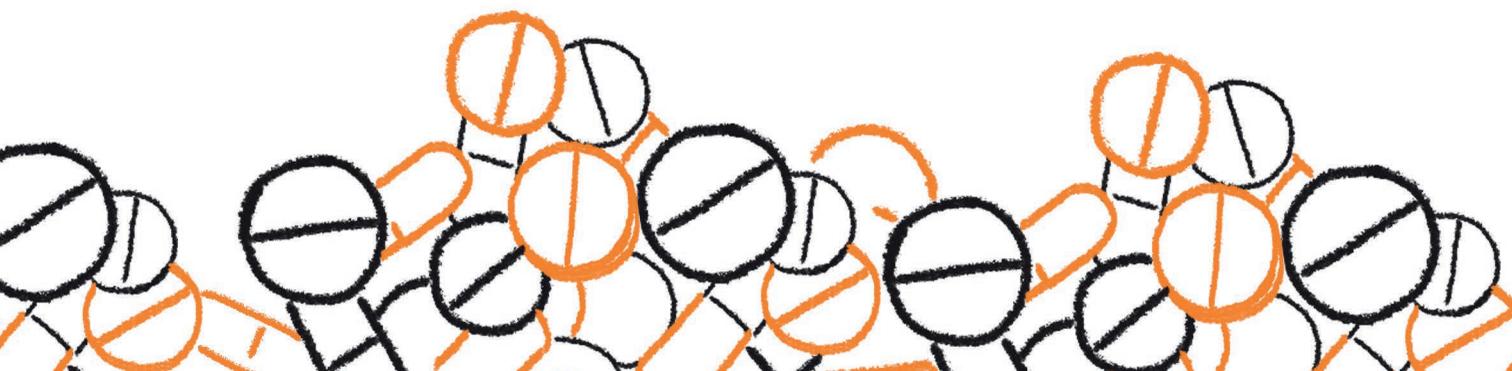
Neste projeto de web quadrinhos com histórias publicadas exclusivamente online, pelo [Instagram do Sesc Pompeia](#), os leitores acompanham uma narrativa com 4 capítulos. Toda semana, um capítulo da HQ – composto por 9 quadros, exibidos no formato de carrossel – é publicado. Em abril, quem ilustra o *Quadro a Quadro* é a quadrinista [Hipácia Caroline](#), com a HQ *Maritza*.



Ilustrações: Luíse Costa

QUESTÃO DE SAÚDE

No primeiro ano da pandemia, 275 milhões de pessoas em todo o mundo fizeram uso de substâncias psicoativas, enquanto mais de 36 milhões sofreram algum transtorno por este uso, segundo relatório divulgado pelo Escritório sobre Drogas e Crimes das Nações Unidas (UNODC) em junho de 2021. Por trás deste cenário há um emaranhado de questões de âmbito social, econômico, político e cultural que precisam ser analisadas por especialistas de diversas áreas. “Entre o usuário na ponta, que tem sua vida e suas relações familiares e sociais devastadas pelo uso abusivo de uma determinada substância psicoativa, e toda a trama que envolve sua produção, circulação e comercialização, há densas camadas que fazem com que as experiências singulares e cotidianas – dada sua excessiva carga afetiva – encubram, por vezes, toda a complexidade ideopolítica e socioeconômica envolvida”, analisa a assistente social e coordenadora do curso de Pós-Graduação em Serviço Social e Saúde da Faculdade Paulista de Serviço Social (FAPSS-SP), Fernanda Almeida. Para a coordenadora do Ambulatório e Projeto *A Cor da Rua* no Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, Carmen Santana, “os mecanismos mais efetivos na redução da vulnerabilidade a transtornos relacionados ao uso de drogas são os que operam na prevenção e na promoção da saúde”, aponta. Neste *Em Pauta*, Santana e Almeida, especialistas que fizeram parte do primeiro módulo do curso *Questão Social das Drogas*, realizado pelo Sesc São Paulo em outubro do ano passado, trazem essas e outras reflexões sobre o tema neste mês em que se celebra o Dia Mundial da Saúde (7 de abril).



Drogas e Saúde Mental na Atenção Primária

POR CARMEN SANTANA

As mudanças do modelo de atenção à saúde mental preconizadas pela reforma psiquiátrica no Brasil fazem parte de um processo social complexo que exige, entre outras transformações da clínica, uma revisão epistemológica na produção do cuidado em saúde mental. Trata-se do redirecionamento de um cuidado antes centrado na internação hospitalar para uma atenção focada em serviços de base comunitária. Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) pela constituição de 1988, teve início o processo de descentralização do atendimento de saúde mental, antes realizado prioritariamente em grandes hospitais psiquiátricos.

A Política Nacional de Saúde Mental preconiza que a atenção aos usuários do SUS deve ser feita dentro de uma rede de cuidados. Estão incluídos nesta rede: os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), os ambulatórios de saúde mental, a Atenção Primária à Saúde, os pronto-socorros, o SAMU (Serviço de Assistência Móvel de Urgência), as residências terapêuticas, as enfermarias psiquiátricas em hospital geral, hospitais psiquiátricos e os centros de convivência.

Qual o papel da Atenção Primária à Saúde (APS) no SUS? A APS é a porta de entrada para a rede de saúde no Brasil. Constitui um conjunto de ações de saúde individuais, familiares e coletivas. Os serviços oferecidos pela APS são realizados por equipe multiprofissional e envolvem: promoção, prevenção, proteção, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos, cuidados paliativos e vigilância em saúde, segundo a Política Nacional da Atenção Básica (Ministério da Saúde, 2017). O atendimento é oferecido em unidades básicas de saúde (UBS), próximas à moradia de seus usuários, o que facilita o acesso e a continuidade dos cuidados. A APS deve se responsabilizar pela atenção aos problemas de saúde mais frequentes e coordenar a integração dos cuidados oferecidos por especialistas.

A formação generalista dos profissionais da APS permite o cuidado integral (cobrindo todos os aspectos da saúde, sem separar o físico do mental), centrado na pessoa, e não em doenças ou sistemas fisiológicos isolados. Por acompanhar seus pacientes ao longo da vida, a Atenção Primária tem papel fundamental no cuidado das doenças crônicas e na reabilitação psicossocial (Garcia & Santana, 2012).

A inserção da Atenção Primária em uma comunidade não deve ser apenas geográfica, mas também propiciar conhecimento sobre hábitos e cultura de seus moradores, sobre as vulnerabilidades e os recursos do território onde vivem. Isso permite desenvolver intervenções que dialoguem com as diferentes realidades das populações, e se integrem com recursos para além da saúde (como educação, cultura e esportes). Essa proximidade é fundamental, por exemplo, em ações que pretendem mudar hábitos de vida, como a dieta, o consumo de álcool e outras drogas, o exercício físico, ou problemas como a violência doméstica (Starfield B, 2002). Os mecanismos mais efetivos na redução da vulnerabilidade a transtornos relacionados ao uso de drogas são os que operam na prevenção e na promoção da saúde.

Mas, por que integrar o cuidado aos transtornos relacionados ao uso de drogas na APS?

1. A APS aumenta o acesso ao tratamento. O **Relatório Mundial sobre Drogas** de 2021 mostrou que aproximadamente 275 milhões de pessoas usaram drogas em 2020; enquanto cerca de 36 milhões sofreram de transtornos associados ao uso de drogas. Estima-se que o impacto social da Covid-19 contribuiu para um aumento ainda maior do consumo em 2021. Transtornos relacionados ao uso de substâncias são condições variáveis, classificadas de acordo com critérios internacionais para diagnóstico de transtornos mentais. Pouca escolaridade e pobreza são fatores importantes associados ao desenvolvimento desses transtornos.

Populações vulnerabilizadas e marginalizadas enfrentam barreiras adicionais ao tratamento em decorrência da discriminação e estigma. Em áreas cobertas pela APS no município de São Paulo, os mais pobres e menos escolarizados acessavam os serviços de saúde tanto quanto o restante mais favorecido da população (Goldbaum et al., 2005). Além disso, a proximidade com os usuários e a responsabilização em longo prazo da APS facilitam a busca ativa de pacientes que perdem o contato com o sistema, o que é fundamental no seguimento dos transtornos mais graves e persistentes.

2. Os problemas mentais e físicos estão inter-relacionados. O uso abusivo de drogas pode trazer problemas físicos. A APS permite um cuidado integral e holístico desses problemas, evitando a fragmentação de intervenções.

3. A intervenção precoce é importante. O primeiro contato com o serviço de saúde em busca de tratamento, realizado na APS, é um fator crucial para que a intervenção precoce possa ocorrer. Neste nível de cuidado é possível reconhecer sinais e sintomas de abuso de drogas, discutir o risco envolvido, fazer orientações para famílias e encaminhar os pacientes para serviços especializados quando indicado.

4. A APS tem custo efetivo e economicamente viável. A oferta de cuidados em saúde mental próxima ao local de moradia das pessoas possibilita o melhor aproveitamento de recursos comunitários já existentes, e a diminuição de custos indiretos com meios de transporte e tempo de deslocamento. Estimativas sobre a ampliação dessas intervenções revelaram que elas são viáveis economicamente, inclusive em locais de baixa renda.

AO LONGO DO TRATAMENTO É
ESSENCIAL QUE O SUJEITO TENHA VOZ
EM SEU PROCESSO DE RECUPERAÇÃO.
É NO COTIDIANO, NA COMUNIDADE,
QUE SE TRABALHA O RESGATE DA
AUTONOMIA E DA CIDADANIA

PAPEL DA COMUNIDADE

No entanto, a despeito das evidências científicas, parte da sociedade e alguns programas de governo insistem em defender uma política pública pautada em internações involuntárias ou compulsórias para o cuidado às pessoas com transtornos relacionados ao uso de drogas. Estes programas frequentemente têm como foco a população em situação de rua. Mas a recuperação deste tipo de problema ocorre ao longo da vida, e o cuidado deve ser feito por meio da integração de um conjunto de estratégias terapêuticas que não necessariamente irão envolver a internação.

Ao se tratar da população em situação de rua na cidade de São Paulo, o Censo realizado em 2019 indicou que mais da metade (60%) passou por internação em alguma instituição. Destacam-se as clínicas de recuperação de dependência de drogas ou álcool (32,1%) e o sistema prisional (31,2%), abrigos para infância (13,4%), além de instituições psiquiátricas (13%) e Fundação Casa (11,9%). Sobre o uso de substâncias psicoativas, 83% das pessoas declarou fazer uso de álcool e/ou outras drogas. Cigarro (65%) e álcool (56%) são as substâncias mais usadas, seguidas de maconha (28,9%) cocaína inalada (22,3%), crack (18,9%) e inalantes (5,3%)

Desde 2011, o Brasil tem equipes multiprofissionais de Atenção Primária à Saúde (APS) voltadas especialmente para pessoas em situação de rua: os consultórios na rua. O programa atualmente tem 158 equipes, 25 das quais na cidade de São Paulo. A falta de moradia é um desafio constante para estes profissionais no tratamento dos transtornos relacionados ao uso de drogas. É muito difícil implementar um projeto terapêutico considerando as condições de vida na rua, mas uma internação não resolve a falta de moradia. Políticas sociais como o programa *Housing First* ou “Moradia Primeiro” são as estratégias de cuidado mais bem-sucedidas para esta população.

Internar uma pessoa para o tratamento da dependência química é um procedimento que pode ser ou não utilizado no projeto terapêutico. Mas não deve ser uma política pública. Por outro lado, o cuidado na comunidade, especialmente no âmbito da APS, é sempre indicado. Ao longo do tratamento é essencial que o sujeito tenha voz em seu processo de recuperação. É no cotidiano, na comunidade, que se trabalha o resgate da autonomia e da cidadania. ■

CARMEN SANTANA é graduada em medicina pela Santa Casa de São Paulo, com residência em Psiquiatria, mestrado em Medicina e Doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Em 2013 concluiu o mestrado *International Master in Mental Health Policies & Services* na Universidade Nova de Lisboa/OMS. Participou da implantação dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família como psiquiatra e pesquisadora na área de Saúde Mental na Atenção Primária. Foi professora afiliada e visitante na UNIFESP (2013-2021). Atualmente é pós-doutoranda e coordenadora do Ambulatório e Projeto *A Cor da Rua* no Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP.

É possível um mundo sem drogas?

POR FERNANDA ALMEIDA

(...) *Viver é muito perigoso. Viver é um rasgar-se e remendar-se.*

Guimarães Rosa

Escolher um caminho para analisar a *questão das drogas* é sempre privilegiar um ou mais aspectos, em prejuízo dos demais. As áreas de pesquisas científicas são diversas – antropologia, direito, história, medicina, psicanálise, psiquiatria, sociologia, entre outras tantas – e por vezes são complementares, portanto, considero que não deve – ou não deveria – existir uma hierarquia do conhecimento sobre o tema. Ocorre que a *questão das drogas* é um campo, por primazia, permeado por disputas ideológicas e interesses díspares. O fato é que, entre o usuário na ponta, que tem sua vida e suas relações familiares e sociais devastadas pelo uso abusivo de uma determinada substância psicoativa, e toda a trama que envolve sua produção, circulação e comercialização, há densas camadas que fazem com que as experiências singulares e cotidianas – dada sua excessiva carga afetiva – encubram, por vezes, toda a complexidade ideopolítica e socioeconômica envolvida.

Desde que comecei a estudar e pesquisar sobre a *questão das drogas*, vi o quão emaranhado e labiríntico pode ser este campo. A complexidade é inerente ao debate por vários aspectos. Enumerá-los aqui, seria, por si só, uma tarefa árdua. De maneira breve, é possível afirmar que a multiplicidade reside no fato de que as abordagens e análises podem ser tanto de ordem política quanto econômica. Assim como, se analisada em seus aspectos culturais e éticos. Requer, ainda, um cauteloso exame entre os aspectos legais, em detrimento de todo o moralismo envolvido. Não podendo, em hipótese alguma, prescindir de um abrangente estudo social e de saúde. Contudo, e ao mesmo tempo, é preciso ter noção de que a dinâmica cotidiana enovela todas estas dimensões e as tornam absolutamente imbricadas.

Começo com este *briefing* para apresentar e justificar meu “*lugar ao sol*” neste debate. Sou trabalhadora do Sistema Único de Saúde (SUS) e atuo em um Centro de Atenção Psicossocial - álcool e drogas (CAPS-AD). Portanto, devo advertir que me interesso

mais pelas pessoas e por suas relações sociais, do que pelas substâncias em si, embora eu reconheça e valorize o pioneirismo da pesquisa científica nesta área. A cannabis medicinal, por exemplo, está aí e há evidências científicas consolidadas que comprovam seus benefícios para o tratamento de diversas doenças crônicas e neurológicas graves. Ademais, o renomado neurocientista e pesquisador afro-americano Carl Hart sugere que todos os profissionais que acolhem pessoas que fazem uso abusivo e/ou nocivo de substâncias psicoativas tenham algum grau de conhecimento sobre elas e também sobre seus efeitos positivos e negativos no organismo e no psiquismo humano.

Em 2020, Hart radicalizou ainda mais seu posicionamento sobre o tema. Em uma obra ousada – *Drogas para Adultos* – ele assume a sua condição de usuário ocasional e convida todos a romperem com a hipocrisia e se assumirem como usuários, afinal, diz ele, todos nós, em alguma medida, consumimos substâncias psicoativas em algum momento das nossas vidas, sejam elas substâncias lícitas ou ilícitas. Fundamentado em evidências científicas e em experiências pessoais, ele mostra como é possível ter uma vida responsável e equilibrada, na qual as drogas podem fazer parte e cumprem uma importante função psicossocial.

Com isso, ele busca demonstrar que a ciência não está voltada para pensar no prazer, insiste que esta é uma reivindicação social mais que legítima, e que a incorporação de uma lógica libertária quanto ao uso traria muitos benefícios para a sociedade. Para ele, o desafio é ampliar o entendimento de que uma parte significativa das pessoas busca, com o uso das substâncias, a sua “felicidade”. A busca do ser humano pela alteração ou perturbação da consciência é um fato histórico, mas, por haver medo de um aumento do consumo, as políticas sobre drogas, hegemonicamente, estão focadas em seus efeitos negativos, com isso, os resultados são quase sempre repressores, asilares e manicomiais.



DURANTE A PANDEMIA

Em 24 de junho de 2021, o Escritório sobre Drogas e Crimes das Nações Unidas (UNODC) lançou uma nota pública para a imprensa na qual afirma o aumento do risco do uso de drogas na pandemia. Num tom um tanto alarmista, chama a atenção para o dado de que 275 milhões de pessoas em todo o mundo fizeram uso de substâncias psicoativas em 2020, enquanto mais de 36 milhões sofreram algum transtorno por este uso. O relatório também enfatiza o aumento da concentração de THC – um dos componentes psicoativos da cannabis – enquanto há uma redução da percepção dos riscos do uso da maconha entre os jovens.

Como comentei de início, quando o tema é drogas, temos que ver o emaranhado, só assim seremos capazes de desatar os nós. O fato subsumido na nota do UNODC é que dos 275 milhões que usaram substâncias psicoativas, 239 milhões não tiveram problemas, ou seja, 86,9%, a maior parte das pessoas. Não desprezo, de forma alguma, a importância das políticas de saúde e prevenção, sendo este o meu trabalho diário, inclusive. Mas saliento que a ênfase na narrativa problemática sobre o uso tem gerado questões que embaralham ainda mais o campo e não ajudam na prevenção, pelo contrário, difunde a ideia de que todo uso é potencialmente perigoso, quando sabemos que não é verdade. Por outro lado, proteger crianças e adolescentes, com vistas a prevenir o uso precoce, é uma tarefa que exige um amplo aparato de políticas públicas.

Ao mesmo tempo, o discurso alarmista sobre o uso de drogas cumpre um papel ideológico importantíssimo. Historicamente, o paradigma do proibicionismo contemporâneo, apoiado na fantasmagoria do perigo das drogas, dá a sustentação necessária para a manutenção da Guerra às Drogas. Guerra que pode ser considerada falida quanto ao seu propósito de eliminar as drogas do planeta, e, em contrapartida, bem-sucedida quanto à manutenção do poder e da geopolítica que estruturam os interesses econômicos e políticos do narcotráfico mundial.

Johann Hari, no livro *Na Fissura: uma história do fracasso no combate às drogas* desnuda os bastidores dessa guerra mundial e insana. Embalado pela voz grave de Billie Holiday, Hari explicita aquilo que

Emicida condensou em uma só frase: *80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alva*. A Ismália de Emicida é preta, a maior voz do jazz mundial no século 20 também era preta. A mesma guerra que calou Billie também pôs fim na vida de Evaldo Rosa dos Santos, homem preto, alvejado na frente de sua família. Por este ângulo, Ismália é a representação do silenciamento imposto aos negros. No Rio de Janeiro, somente em 2020, 12 crianças negras e pobres foram mortas em conflitos armados em razão do controle do tráfico de drogas. A face mais perversa da guerra às drogas reside no controle ético-racial dos corpos. Um genocídio amainado por uma narrativa que busca convencer que o livramento da humanidade contra os males das drogas está na força bélica. Billie Holiday cantou *Strange Fruit* para seus algozes, os comoveu, mas não impediu sua própria perseguição até a morte.

A MASSIFICAÇÃO IMPOSTA PELAS POLÍTICAS CONSERVADORAS E MANICOMIAIS ESVAZIA AS POSSIBILIDADES DO CUIDADO SINGULAR

SOBRE RISCOS

O que me interessa aqui é dialogar com a narrativa dos riscos atribuídos a estas ações. Afirmo sem pestanejar que sim, há riscos. A pergunta que emerge é: com as drogas, não haveria a possibilidade de um dia chegarmos ao ponto de uma regulamentação que implica na análise de riscos e no acompanhamento, com equilíbrio, do poder público? E mais, qual é o limite da intervenção do Estado na esfera privada da vida? É papel do Estado regular o desejo de escolher fazer uso em si de qualquer substância? É papel do Estado

interferir no desejo de alteração da consciência? Quais foram e quais são os critérios para definir a licitude ou ilicitude das substâncias psicoativas?

No curso “A Questão Social das Drogas”, promovido pela Gerência de Estudos e Programas Sociais (GEPROS) e pelas unidades Carmo, Bom Retiro e Parque Dom Pedro do Sesc São Paulo, tivemos a oportunidade de debater abertamente sobre estas e outras questões. Partimos de quatro pressupostos fundantes, balizas que convidam à reflexão sobre as drogas, para além do binômio “sou a favor, sou contra”: 1) todo ato humano implica algum grau de risco; 2) a soberania do indivíduo sobre seu próprio corpo; 3) a história das drogas é parte integral da história geral da humanidade e 4) o uso de substâncias psicoativas acompanha as determinações

históricas e sociais de cada tempo. Tive a oportunidade de ministrar a aula de abertura que teve como tema “Questão Social das Drogas: Introdução e Panorama Geral”. Este primeiro encontro teve como objetivo apresentar uma introdução aos diferentes usos de drogas em sociedade, assim como expor as dimensões do sofrimento psíquico e os impactos sociais e políticos do proibicionismo.

Tenho convivido diariamente com pessoas que fazem uso abusivo ou problemático de substâncias psicoativas. A intensidade do vínculo é por vezes demasiada, impõe aos profissionais plasticidade psíquica e certo despojamento. Aqueles que os rotulam como “zumbis desalmados” não fazem a menor ideia da potência das subjetividades nestes encontros – há vida, desejos, sonhos, mágoas, abandono. A massificação imposta pelas políticas conservadoras e manicomializações esvazia as possibilidades do cuidado singular. Na contramão, alguns trabalhadores dos CAPS-AD sustentam o legado que estrutura a Reforma Psiquiátrica Brasileira, pautada na liberdade como princípio terapêutico e contra toda forma de manicomialização da vida.

Nesse sentido, o trabalho nos CAPS-AD consiste em elaborar projetos terapêuticos singulares em que os sujeitos possam estabelecer outra relação com as drogas, se possível abstendo-se do uso e, quando isso não for possível, cabe aos profissionais acolhê-los,

orientá-los com a perspectiva de reduzir danos. Dartiu Xavier diz que, “*o uso de drogas pode ser associado à necessidade de alívio da angústia inerente à condição humana. Quando se pensa em prevenção, o desafio é encontrar outras maneiras de tornar essa angústia suportável, visando transformação e, não, alienação*”.

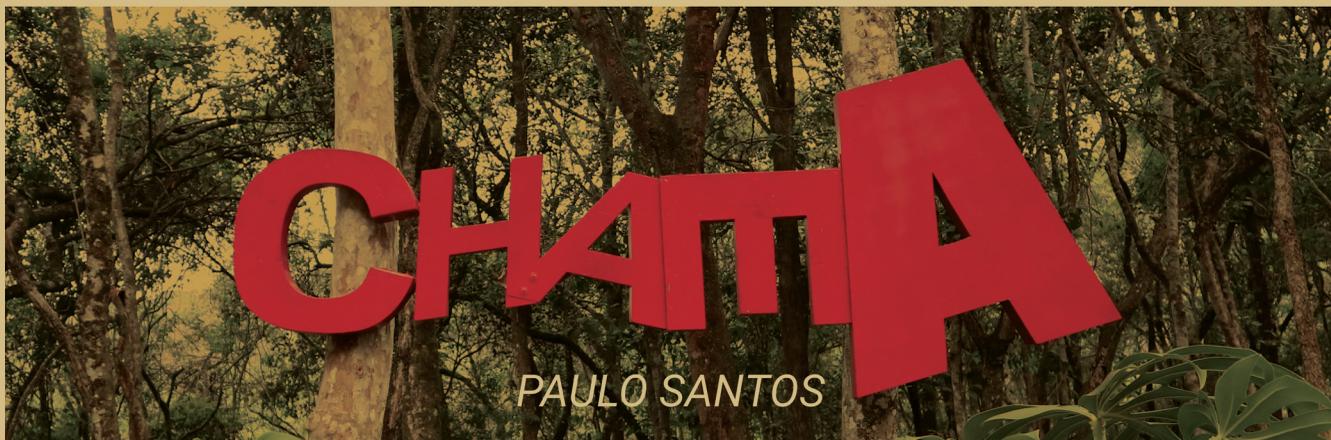
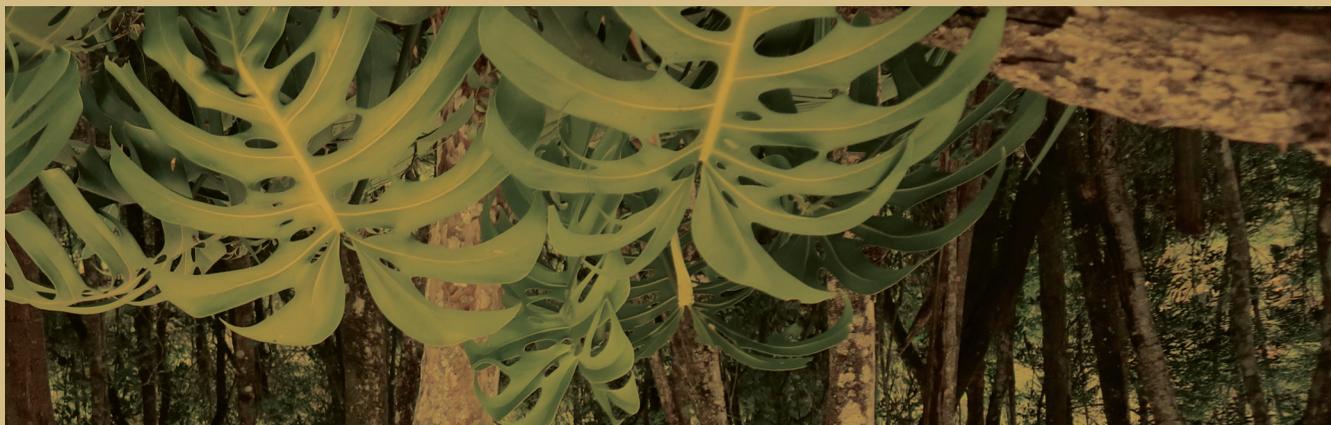
No curso, tivemos oportunidade de demonstrar como o uso de substâncias psicoativas acompanha as determinações históricas e sociais de cada tempo. Passados os primeiros 20 anos deste milênio, estamos certos de que vivemos um tempo absolutamente disruptivo. O neoliberalismo, como sociabilidade do mundo, impõe uma nova razão. As formas e manifestações cotidianas deste processo estão por serem compreendidas. Estou certa de que a relação que as pessoas estabelecem com as substâncias psicoativas diz mais sobre as vicissitudes da própria sociedade do que sobre os efeitos das substâncias em si. Em artigo publicado em 05/05/2021, no portal do Sesc São Paulo – [*Não existe porta de entrada para menino de rua*](#) –, busquei demonstrar “a problemática” das drogas como uma expressão da questão social.

Às vezes, me pego pensando, é falacioso imaginar um mundo sem drogas, mas acredito e tenho esperança de que possamos ter um mundo em que a violência, sobretudo, fruto da proibição, possa ter seu fim, isso sim é factível. Isso sim é desejável. ■

FERNANDA ALMEIDA é assistente social, coordenadora do curso de Pós-Graduação em Serviço Social e Saúde da Faculdade Paulista de Serviço Social (FAPSS-SP). Atua na Rede Pública de Saúde (SUS) em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD). Psicanalista Clínica em formação, aluna do Curso Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.



lançamento Selo Sesc



Combinando instrumentos acústicos e timbres eletrônicos, **Paulo Santos** expressa a relação atual das pessoas com o meio ambiente em novo disco autoral.

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc

ARQUEÓLOGO DA FLORESTA

O PESQUISADOR E PROFESSOR DA USP EDUARDO GÓES NEVES FALA SOBRE DESCOBERTAS E CURIOSIDADES EM SEU TRABALHO NA REGIÃO AMAZÔNICA

Quem nunca teve o sonho de infância de ser arqueólogo, astronauta ou bombeiro quando cresce? Pois o gosto por viagens, acampamentos e livros de aventuras foi o que conduziu o historiador, professor da Universidade de São Paulo (USP) e doutor em arqueologia pela Indiana University (EUA) por esse caminho de escavações, ossos e descobertas. “A arqueologia junta a curiosidade sobre o nosso passado mais antigo e a possibilidade de viajar e conhecer lugares que as pessoas normalmente não conhecem”, compartilha. Presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira entre 2009 e 2011, e professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Eduardo colaborou como consultor do **SescTV** para a realização da série *Amazônia – Arqueologia da Floresta*, que estreia no dia 30 deste mês. Dirigida por Tatiana Toffoli e organizada em quatro episódios, a série ficará disponível na plataforma de *streaming* sob demanda do SescTV. Neste *Encontros*, Eduardo fala sobre seu interesse pela arqueologia, o trabalho desafiador na região amazônica, sítios arqueológicos brasileiros e a importância do reconhecimento e preservação da biodiversidade.



Foto: Rafael Verissimo

A ilha artificial no sítio arqueológico de Monte Castelo é um dos cenários da série *Amazônia - Arqueologia da Floresta* (SescTV), onde Eduardo Góes Neves e outros arqueólogos e arqueólogas realizaram escavações e pesquisas.

Foto: Projeto Médio Guaporé



DIFERENTE DOS FILMES

Costumo falar: quem faz arqueologia geralmente não saiu da infância, pois os meninos, em geral, falam muito em ser arqueólogo, bombeiro e astronauta. Sou um cara de classe média de São Paulo e, de certo modo, tive a possibilidade de escolher esse caminho. Muita gente tem vontade de fazer arqueologia, mas acaba não conseguindo. Mas isso está mudando por causa de políticas de ação afirmativa nas universidades públicas. Eu sempre gostei muito de ler, desde menino, e também gostava muito de história. Me lembro de, quando estava no segundo ano primário, olhar para um livro de história no qual havia a imagem de colonizadores portugueses na praia, caravelas atrás e, do outro lado, indígenas. Era sobre o “descobrimento” do Brasil e eu falava:

“Ué! Como o Brasil foi descoberto se já tinha gente aqui?”. Quando os filmes do Indiana Jones saíram, eu já estava na faculdade, e sempre gostei muito de ler livros de aventura, de viajar, de acampar. Quando estava no ensino médio, eu percebi que a arqueologia juntava um pouco disso tudo. A arqueologia tem uma coisa muito legal que é juntar a reflexão intelectual com a parte física e braçal e ainda conhecer as pessoas que vivem nos lugares onde se trabalha. Pessoas maravilhosas e que normalmente a gente nem sabe delas direito. Então, a arqueologia é uma paixão que tenho desde a infância e que segue muito forte. Ao contrário do que muitos pensam, a gente trabalha de chinelos e camiseta, não de bota e chapéu, dirigindo um jipe.



Foto: Projeto Médio Guaporé

ESCAVAR SURPRESAS

A arqueologia é uma ciência, mas é uma ciência social. Então, existe esse grau de imprevisibilidade. É por isso que a gente faz uma escavação, uma arqueologia de campo que, no fundo, é “destruir com método”. A gente está retirando material e há contextos que estão preservados por milhares de anos. Quando um(a) arqueólogo(a) vai a campo e retira materiais, se isso não for muito bem feito e registrado, aquela informação se perde para sempre. A gente tem uma ideia do que quer encontrar, temos hipóteses que orientam nosso trabalho que é, justamente,

tentar encontrar o que é meio desconhecido. Sempre saem coisas interessantes. Há também a “maldição da arqueologia”, ou seja, as coisas mais legais sempre saem no penúltimo ou no último dia, quando estamos fechando (a escavação). Essa é uma regra geral da arqueologia no mundo inteiro. “Estava indo bem e, no último dia, apareceu um pedaço de osso”. Aí, você tem que fazer uma conta: fechar a escavação, porque já está tudo pago, ou acelerar o trabalho e ficar um pouco mais. Isso é maravilhoso: não saber o que vai encontrar.

CAMPO TRANSDISCIPLINAR

As coisas que a gente quer entender dizem respeito às questões do passado, só que nosso objeto de estudo é híbrido – inclui desde artefatos, vasos e objetos de pedra, até restos de ossos, restos de plantas, amostras de solo. A arqueologia é uma ciência social que entra na antropologia, história, geografia. Entre as pessoas que compõem a nossa equipe, uma é especialista em ossos encontrados nos sítios, outros analisam cerâmicas, outros atuam com restos de plantas etc. Aquela ideia do(a) arqueólogo(a) trabalhando sozinho é uma ideia supercolonialista. Esse é um trabalho de equipe e um trabalho transdisciplinar, porque a gente quer entender a relação entre as populações indígenas e a natureza ao longo dos milênios. Nossa hipótese é que a Amazônia é uma floresta criada por esses povos, um patrimônio biocultural, não uma floresta natural. Para entender isso, temos que descobrir quais eram os animais e plantas consumidos, o padrão de materiais, procurar evidências de manejo da paisagem, de uso do fogo, trabalhar também fora dos sítios arqueológicos.



Foto: Rafael Veríssimo

A GRANDE LIÇÃO QUE A GENTE PODE APRENDER COM A ARQUEOLOGIA É VALORIZAR A DIVERSIDADE

SÍTIOS BRASILEIROS

No Brasil, temos vários tipos de sítios arqueológicos. Inclusive, há algumas áreas onde isso fica nebuloso. Se pensarmos na nossa história colonial, numa antiga fazenda, numa fortificação portuguesa, estes são tanto sítios arqueológicos, quanto patrimônio arquitetônicos e históricos. Então, essas definições encontram-se mais ou menos misturadas. Mas, no caso da história antiga do Brasil, anterior ao “descobrimento”, à chegada dos portugueses ou da conquista, a gente quase não tem uma arquitetura remanescente. As paredes geralmente eram de barro, de palha, de madeira. A pedra, por exemplo, não era muito utilizada como material de construção. Dessa forma, como é que a gente sabe que está em cima de um sítio arqueológico? Eu trabalho na região amazônica. Geralmente, a gente encontra

fragmentos de cerâmica na superfície, o solo é um pouco mais escuro. Tem muita coisa que a gente sabe hoje sobre a Amazônia e que foi construída pelos povos indígenas – aterros, canais, estradas. Só que a matéria-prima para essas construções era o solo. Então, até 30 anos atrás, dizia-se: “Isso é natural, não foi feito pelos indígenas”. Mas, nós sabemos hoje que houve uma intervenção na paisagem pelos indígenas, e que são sítios arqueológicos. Costumo dizer que achar um sítio arqueológico na Amazônia não é difícil. O difícil é saber o que fazer com ele. Nós temos milhares de sítios cadastrados: são mais de seis mil na Amazônia brasileira. Alguns são muito grandes e estão cobertos pela floresta, por isso nosso trabalho de campo, às vezes, é muito lento.

ILHA ARTIFICIAL

Assim como achar um sítio arqueológico é complicado, também é complicado saber onde fazer as escavações nele. Por exemplo, as matas de araucária no Sul do Brasil ou os castanhais da Amazônia são tipos de formação que, geralmente, não estão dentro de um sítio e resultam da atividade indígena no passado. Então, a própria ideia de sítio arqueológico está sendo ampliada. Na série [Amazônia - Arqueologia da Floresta], a gente está no sítio de Monte Castelo, que é importante no nosso documentário. Ele é uma ilha artificial, uma região chamada de Pantanal, só que não é o Pantanal do Mato Grosso, é o Pantanal do Rio Guaporé, em Rondônia. Quando você anda por aquele lugar na época da cheia, quando fica tudo alagado, vê-se uma ilha que se destaca na paisagem com seis metros de altura por 160 metros de comprimento. É uma ilha artificial que começou a ser construída há seis mil anos. Então, nesse caso, as propriedades físicas daquele lugar nos mostram que ele é um sítio arqueológico. Desse sítio de Monte Castelo, a gente trouxe muitas conchas, ossos humanos, restos de fauna e flora, ossos de animais (como peixes e mamíferos), amostras de solo e cerâmicas. Com a pandemia, ficou tudo parado, e agora os sepultamentos que nós escavamos, e que estão registrados na série do SescTV, foram para Santarém (PA) no começo de março, porque a especialista nesse tipo de análise é uma professora e bioarqueóloga da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Esse material, então, saiu do Rio Guaporé (Rondônia), veio para São Paulo, foi para Santarém e, eventualmente, vai voltar para Rondônia.



Foto: Projeto Médio Guaporé



Foto: Projeto Médio Guaporé

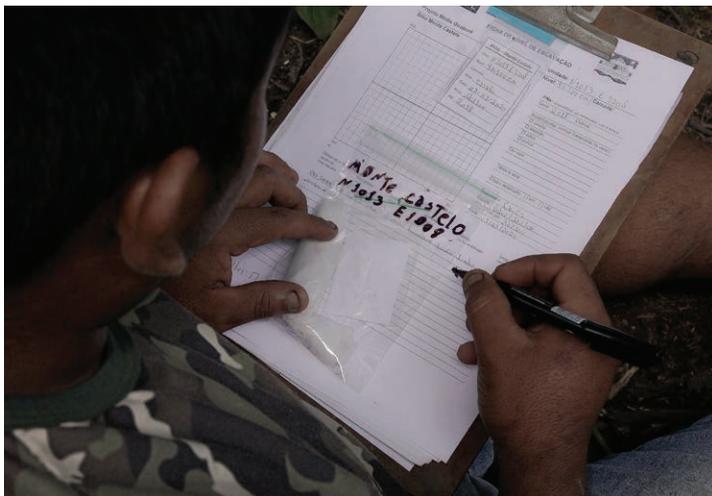


Foto: Projeto Médio Guaporé

CONTEXTO SUL-AMERICANO

A Amazônia não é só brasileira, ela é sul-americana [ela abrange nove países: Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa]. Mas a maior parte está no Brasil. Há um intercâmbio e uma integração de arqueólogos. Por exemplo, equipes do Amapá conversam muito com os da Guiana Francesa. Eu trabalho em Rondônia, mas agora estou trabalhando na Bolívia. Nós fazemos encontros internacionais periódicos de arqueologia amazônica. O Brasil é o país sul-americano que mais investe em arqueologia na Amazônia. A Argentina é um país que tem uma arqueologia muito forte também. O Peru também é um país onde a arqueologia é fundamental para a identidade do país, mas os peruanos só querem saber de trabalhar nos Andes ou no litoral, não ligam muito para a Amazônia. Então o Brasil, de certo modo, tem um espaço hegemônico de presença em pesquisa na região por causa do tamanho do país, por causa da Amazônia brasileira e de uma tradição de investimento em pesquisas nesse território.



Foto: Projeto Médio Guaporé



Foto: Projeto Médio Guaporé

PRIMOS DOS MAIAS

Nós somos primos dos Maias. A gente descende da mesma população fundadora, que chegou aqui, segundo dados genéticos, há 18 mil anos – mas os dados arqueológicos falam em 26 mil anos. Há uma linha cruzada entre a genética e a arqueologia, mas é algo normal. Mas existe um parentesco muito grande [entre os maias e os povos nativos do Brasil]. Nós sabemos, por exemplo, que o cacau [conhecido primeiro como uma bebida apimentada, e só depois como uma bebida doce e como chocolate sólido] é uma planta amazônica, sul-americana, que foi levada daqui para a América Central e para o México por relações de troca. Ninguém sabe direito. O milho também é uma planta cuja origem está no sul do México e foi domesticado há uns 7 mil anos. Mas ele já era cultivado em Rondônia há 6 mil anos. Quando os europeus chegaram aqui, o tabaco [outra planta sul-americana] era cultivado até o sul do Canadá. Então as plantas viajaram muito, de um lado para o outro. E parece que os povos viajaram menos. É um mistério isso, uma questão interessante da nossa arqueologia. No ano passado, saiu um artigo científico de umas múmias de papagaios que foram escavadas no Deserto do Atacama, no norte do Chile, um lugar muito seco. O material estava bem preservado e se extraíram o DNA e isótopos de oxigênio [um marcador de data]. A conclusão é que esses animais foram trazidos vivos de uma região a leste da Cordilheira dos Andes, talvez da Argentina ou do Paraguai. Quer dizer, a gente tem evidências cada vez maiores de relações de troca e contato entre os povos originários.

HISTÓRIAS SILENCIADAS

A arqueologia funciona muito bem para contar histórias que foram silenciadas, que não estão registradas, como a da escravidão no Brasil e a da diáspora africana. Se a gente puder juntar esse aparato tecnológico a essas questões, que têm essa pegada de teoria social e política, será uma combinação “explosiva”, eu diria. Isso pode mudar nossa visão sobre o passado do Brasil. A presença dos indígenas na arqueologia é uma história que está começando a acontecer, resultado de políticas de ação afirmativa. Políticas, a meu ver, muito bem-sucedidas. A semente que foi plantada está frutificando de uma maneira muito bacana. A arqueologia pode ser um caminho poderoso para trazer a história dessa presença que está escrita na paisagem. Abre possibilidades de diálogo que antes não eram contempladas e que tornam a nossa produção de conhecimento muito mais interessante.

VALORIZAR A DIVERSIDADE

Se existe uma palavra que sintetiza tudo isso, essa palavra é: diversidade. A história da Amazônia nos mostra que os povos indígenas foram produtores de diversidade cultural e de agrobiodiversidade. Há 300 línguas indígenas, dentro de 50 famílias, faladas na Amazônia. É uma diversidade linguística espantosa. Em outros lugares do mundo com as mesmas dimensões geográficas. A arqueologia pode nos ajudar a entender isso se a gente ouvir o que os povos indígenas estão tentando nos falar desde sempre.

Os trópicos são lugares de produção de diversidade. A grande lição que a gente pode aprender com a arqueologia é valorizar a diversidade, a diferença, e ver nisso um valor positivo, como algo que tem que ser cultivado. Olhar para esse patrimônio, pensar nas nossas florestas como *[se fossem]* as nossas pirâmides, e pensar em maneiras mais inteligentes de exercer o manejo desses recursos.

CIMENTO E OSSOS

A arqueologia é um jeito de olhar para o presente, de olhar para o lixo que a gente produz, que pode estar tanto nos lixões quanto depositado nos rios *[e oceanos]*. Essa arqueologia que sai do sítio e vai para a natureza, para a paisagem, é meio “gulosa”, onívora, ela usa de tudo para construir essa narrativa. Então, um jeito de olhar para o nosso estilo de vida hoje é pela nossa produção de lixo. A rocha que a gente mais produz hoje é o concreto, e o marcador fóssil que a gente vai ter da nossa época é o osso de galinha, tendo em vista a quantidade de frango que é consumido no país. Ou seja, a arqueologia ajuda a entender o mundo em que estamos vivendo. ■

EDUARDO GÓES NEVES esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 23 de fevereiro de 2022.

Assista ao vídeo deste [Encontros com Eduardo Góes Neves](#).



Foto: Projeto Médio Guaporé

CÁIXA DE PANDORA

A CANTORA E COMPOSITORA FERNANDA TAKAI ABRE-SE PARA NOVOS TEMAS COMO MATERNIDADE E NEGACIONISMOS NO MAIS RECENTE DISCO

De maneira sutil, a voz suave e aveludada de Fernanda Takai pode brincar de ser criança, como em *Música de Brinquedo* (2010) [álbum como integrante da banda Pato Fu], pode ter bossa e fluidez, como em *Onde brilhem os olhos seus* (2007) [álbum de estreia da carreira solo dedicado a Nara Leão] e também vestir-se de críticas e reflexões a exemplo de seu novo álbum *Será que você vai acreditar?*. Finalista do Grammy Latino na categoria Melhor Álbum de Música Pop Contemporânea, seu mais recente trabalho solo foi gravado durante a pandemia no estúdio que ela tem em casa com o músico e produtor, também seu marido, John Ulhoa, e contesta o atual momento de negacionismos e de *fake news*. “Esse álbum tem uma aura mais densa, mais preocupada e isso é bom pois registra na linha do tempo de nossas vidas os assuntos que estão no ar”, compartilha. Em entrevista à **Revista E** depois do show de lançamento do novo álbum no Sesc Vila Mariana, em fevereiro passado, a cantora e compositora fala sobre o trabalho e a resistência de artistas nos dois últimos anos de Covid-19, seu processo criativo e próximos trabalhos.



NOVO DISCO

Acho que há alguns anos o Brasil está sem rumo, pessoas completamente despreparadas estão em posições de poder, fazendo nosso país andar para trás em tantos assuntos coletivos importantes. A pandemia agravou essa percepção. Então, esse álbum tem uma aura mais densa, mais preocupada e isso é bom pois registra na linha do tempo de nossas vidas os assuntos que estão no ar. Ele também foi um jeito que encontramos para nos sentirmos vivos, produtivos, ocupando aqueles primeiros meses incertos com arte que é o que fazemos há quase trinta anos. Quando não estamos na estrada com os shows, estamos no estúdio. É um ambiente do qual gostamos muito e fica em nossa própria casa.

GRAMMY LATINO

Foi uma notícia maravilhosa! Eu já tinha sido nominada outras vezes e com o Pato Fu, ganhamos em 2011 com *Música de Brinquedo* na categoria internacional para crianças. Como artista solo, essa foi a segunda nomeação e é importante esse reconhecimento de qualidade é estar junto de outros álbuns muito bons, de artistas novos que vêm fazendo uma carreira bonita. Me senti uma dinossaura ainda em forma!

FAKE NEWS

Esta frase que dá o título do disco [*Será que você vai acreditar?*] está em *Terra Plana*, música das mais importantes para o conceito do álbum. A todo momento temos que lidar com negacionistas, terraplanistas, notícias falsas e gente que não dá a menor bola para a natureza ou para a ciência. É um questionamento feito a todos nós. É muito difícil fechar os olhos para o que está acontecendo. Como cidadã e como artista, eu tento de alguma forma abrir discussões com a maior paciência, educação e bom senso. A música entra na vida das pessoas com uma certa facilidade, então que ela tenha essa função de questionar, curar, acolher, apontar aspectos que não são só individuais. Vivemos em coletividade. A vida não deveria ser boa só pra mim, enquanto muitos vivem no limite.

ESCOLHA DE TEMAS

A maternidade e o tempo passando são assuntos recorrentes nos últimos anos. É aquela missão de cuidar, mas também esperar que alguém cuide de mim quando eu não puder. Acho que penso muito sobre ação e reação. Construir um caminho na minha vida pessoal e também profissional em que eu possa ser feliz durante o percurso e não apenas num suposto ponto de chegada que, aliás, nunca saberemos ao certo quando será. Pode ser já, pode demorar mais algumas décadas... Eu não gosto muito de falar sobre projetos futuros enquanto eles realmente não estiverem bem encaminhados. Prefiro segredinhos e surpresas.

PRESEÇA DE NARA

Fiquei feliz demais em assistir a um material de qualidade indiscutível, que é *O canto livre de Nara Leão*. Acho que os produtores desse documentário conseguiram fazer com que as pessoas que não a conheciam mais a fundo se apaixonassem por ela como eu mesma me apaixonei há muitos anos. Aliás, o álbum dedicado à Nara [*Onde brilhe os olhos seus, 2007*], foi justamente o que iniciou minha carreira solo há 15 anos. Ela será sempre muito importante para mim.



Foto: Mathias José Maria



Foto: Matheus José Maria

Fernanda Takai e banda na apresentação do novo disco *Será que você vai acreditar?*, no palco do Sesc Vila Mariana em fevereiro de 2022.

ARTISTAS NA PANDEMIA

Foi com alegria que comprovamos, mais uma vez, como a arte é extremamente importante na vida das pessoas. Privados do encontro no mundo real, nos refugiamos nos livros, nas lives, em filmes, séries, tutoriais em vídeo... Pena que a remuneração tenha sido afetada num grau tão agudo que muitos se viram sem renda até para alimentação. Toda a cadeia produtiva dos espetáculos ficou em coma. Raras programações coletivas, como aquelas realizadas pelo Sesc São Paulo, preocuparam-se em contratar artistas para espetáculos online. E só a solidariedade de muitos conseguiu levantar cestas básicas, fazer rifas, leilões para segurar um pouco a situação, até que mecanismos como a Lei Aldir Blanc pudessem ser acionados e trazer algum ganho a quem produz tanto conteúdo. Só o que está acordado via plataformas digitais definitivamente não consegue pagar as contas da maioria dos artistas.

A MÚSICA ENTRA NA VIDA DAS PESSOAS COM UMA CERTA FACILIDADE, ENTÃO QUE ELA TENHA ESSA FUNÇÃO DE QUESTIONAR, CURAR, ACOLHER, APONTAR ASPECTOS QUE NÃO SÃO SÓ INDIVIDUAIS

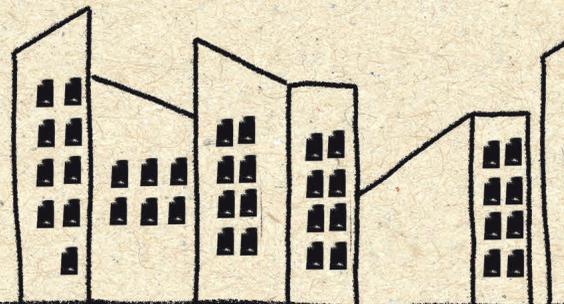
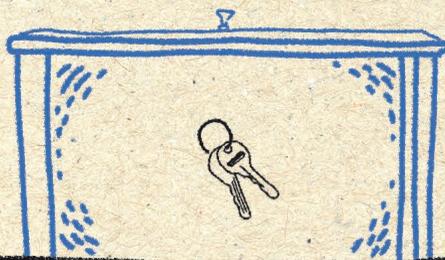
DE TRÁS PRA FRENTE

Acho que esses primeiros shows deram início a essa celebração desses 15 anos [*de carreira solo*]. Este ano temos ainda uma data maior que são os 30 anos do Pato Fu, em setembro. Como eu levo as duas carreiras simultaneamente, acredito que teremos vários momentos para celebrar ao longo de 2022. Tenho me envolvido com a literatura de outras formas também: escrevendo capas e resenhas, gravando audiolivros. Em breve darei mais notícias! A porta aberta como escritora de livros nunca se fecha, mas sei que minha maior importância é na música. ■

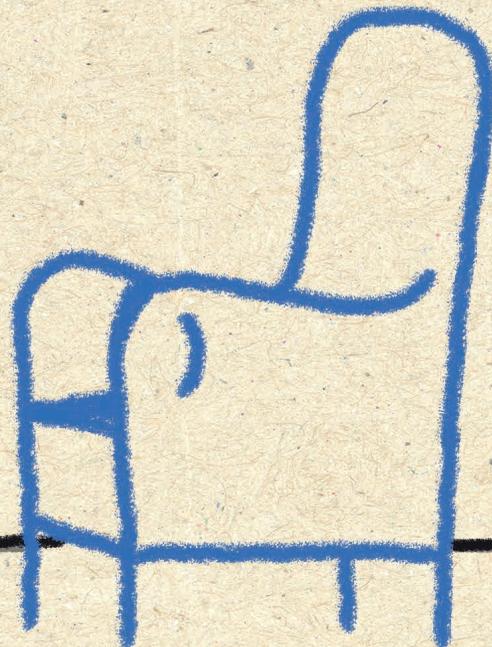
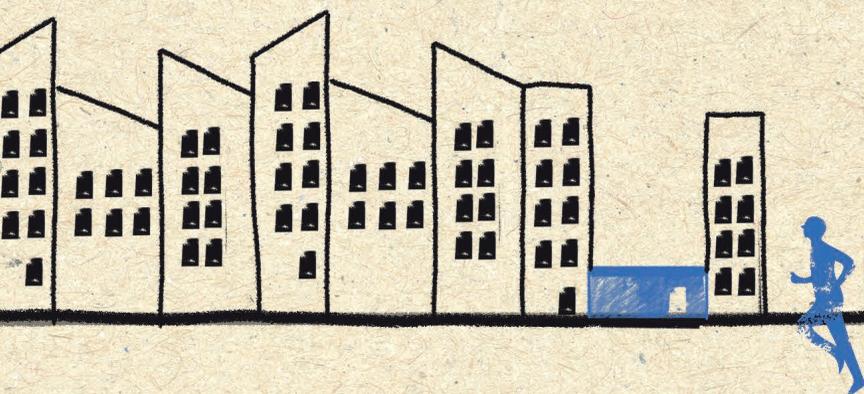
Acesse o [Instagram do Sesc Vila Mariana](#) e assista ao vídeo de entrevista No Camarim com Fernanda Takai.

ANTÔNIO

sentir pena de algo é enxergar no outro uma miséria que é tua, meu pai dizia
e agora que ele se foi eu morri
nas pernas, ele que me fazia correr pelo bairro
corpo parado é corpo alvo de doenças do espírito.
nessas corridas, ele gostava de conferir se as casas que não viraram prédio seguiam resistindo
como a dele, a mesma que estou agora
enquanto empacoto a multidão de objetos que um morto sempre deixa para trás.
aqui, (*pega o taco*) neste piso solto de madeira cósmica
reencontro não só a criança que fui
mas também o seu tropeço
que em hora desconhecida perderá os seus *vapores*
em silêncio, exatamente como as luzes dos fogos de artifício.
meu pai adorava essa casa, se sentava
naquela cadeira azul.
bebia seus vinhos de garrafa densa, nunca me contou de onde tirava aquilo, talvez do fundo
de um navio pirata.
ele enchia o copo, o mesmo do pingado
e me dizia
numa mistura de santo, sambista e filósofo
da sensação de pertencimento que ele lia na boca dos meus primeiros anos
ou de um urso que eu tive chamado Antônio
e que adoeceu, o fiz adoecer de não sei qual enfermidade
só para cuidar dele
como o meu pai cuidava de mim.
não me tornei médica.
nem sou particularmente feliz ao chegar em casa, tirar o meu casaco
e vislumbrar a palidez dos meus olhos enquanto guardo as chaves
na gaveta.



quando morre um pai (*encaixa o taco no vão sem piso*)
eis o aviso que faltava a respeito da nossa própria morte
um aviso que começa quando você nasce
e que te envolve os ombros quando você tem um filho.
um corpo pode ser uma pedra por anos
pode ser um muro
por longos anos
um corpo pode ser a ponte, pode ser a festa e assim atravessar metade de um século, mas
um corpo não é interminável
um corpo é um corre perigo
o corpo do meu pai – fina luz no vão da porta – escapou
por 75 anos
até que uma gripe se misturou com o frio que ele guardava no peito quando corria as suas manhãs sem blusa.
eu também posso morrer disso. posso ser atropelada, posso
me afogar em uma nuvem, morrer de éter, mas por enquanto é o meu pai quem acabou no agora e isto sim é
interminável, essa manhã de 84 horas pela casa que é meu pai nos azulejos é meu pai no banheiro fazendo a
barba é a sombra
do meu pai menino
fingindo não me ver atrás da porta, é meu pai
atrás da porta
com os seus pés largos
e os seus pontões brancos no canto da boca, *o que é isso?*
neve, você não sabia? que hálito é feito de neve?
e o olho?
de ovo.
e o cabelo?
eletricidade. não acredita? pois faça um teste, vá
para a frente da televisão.
viu? os Titãs estão te querendo
lá dentro da tela.



ah, o mundo! que você me mostrou, pai, você que nunca teve *ciúmes das suas pequenas sensações*,
ao contrário, você as cantava em qualquer esquina, era terno com as coisas à sua volta, sabia que o
ressentimento era líquido
e se você não guardasse o sulco
em um vidro
ele se espalharia pelo corpo
amarrando o voo, devorando frestas.
quando lembro que você não está mais aqui
meu vidro se abre, pai, e se por um instante eu me distraio do meu luto
é porque a sua presença tinha tamanha fibra que ela borra até o seu desaparecimento e
não me diga que não adianta venerar um morto, sei que tampouco adianta venerar um vivo
tudo o que fazemos, o fazemos por nós.
desejo que os seus ossos, pai, tenham encontrado uma boa posição para nutrir a Terra. e que os vermes,
ao se alimentarem de sua carne, possam incorporar as suas virtudes
e os que tem asas
que espalhem
o sal desse velho homem pelo mundo
ele que me deu
uma infância de pertencimentos
para que eu assista – cinema no cérebro – o que há de mais fronteiriço com a felicidade
enquanto corro
pelo bairro
morta de pena dos cães. ■



ALINE BEI é escritora e já publicou *O peso do pássaro morto* (Nós, 2017), romance de estreia que ganhou o prêmio São Paulo de Literatura e o prêmio Toca, além de ser finalista do Prêmio Rio de Literatura. Seu livro mais recente é *Pequena coreografia do adeus* (Companhia das Letras, 2021).

AMAZÔNIA

ARQUEOLOGIA DA FLORESTA

PRESERVADOS POR SÉCULOS, VESTÍGIOS DESCOBERTOS ENTRE CAMADAS DE CONCHAS E TERRA REVELAM COMO VIVIAM OS POVOS DA AMAZÔNIA HÁ 4.000 ANOS.

SÉRIE INÉDITA EM 4 EPISÓDIOS

ESTREIA 30 DE ABRIL, 20H

sesctv.org.br/amazonia

Foto: Adriana Vichi



JANELAS DE SÃO PAULO

Grandes olhos nos miram do alto.

Piscam cortinas, venezianas ou “pestanas” de correr.

Do lado de cá, observamos seus desenhos, cores, materiais...

Do lado de dentro, o que haverá?

A mesa posta para uma pessoa ou um corredor de brinquedos?

O rádio a compor notícias e canções ou uma incansável cadeira de balanço?

O sorriso de dois irmãos jogando ou avós travando batalhas com caça-palavras?

As janelas de São Paulo, esses grandes olhos curiosos e atentos, guardam diferentes formas de viver na cidade.

Quando chega a noite, cada qual reivindica a posição de uma estrela.

Caminhando pelas ruas, do alto de prédios ou no terraço de casas, buscamos das nossas janelas outros exemplares cadentes.

Imaginamos os protagonistas e os ambientes que as janelas preservam e iluminam todos os dias.

Como guardiões que nos acolhem para depois nos despertar para mais um dia.

Olha lá!



Foto: Adriana Vichi

*Não sou a areia /
onde se desenha
um par de asas /
ou grades diante de
uma janela.*

(Lya Luft, 1938-2021)



Foto: Adriana Vichi

*Há só uma janela fechada, e o mundo lá fora /
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse /
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.*

(Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, 1888-1935)



*Houve um tempo em que minha
janela se abria sobre uma cidade
que parecia ser feita de giz.*

(Cecília Meireles, 1901-1964)

298



Foto: Adriana Vichi

*Pela janela do quarto / Pela janela do carro /
Pela tela, pela janela / Quem é ela? Quem é ela? /
Eu vejo tudo enquadrado / Remoto controle.*

(Adriana Calcanhoto)

*Existem manhãs em que abrimos a janela,
e temos a impressão de que o dia está nos esperando.*

(Charles Baudelaire, 1821-1867)

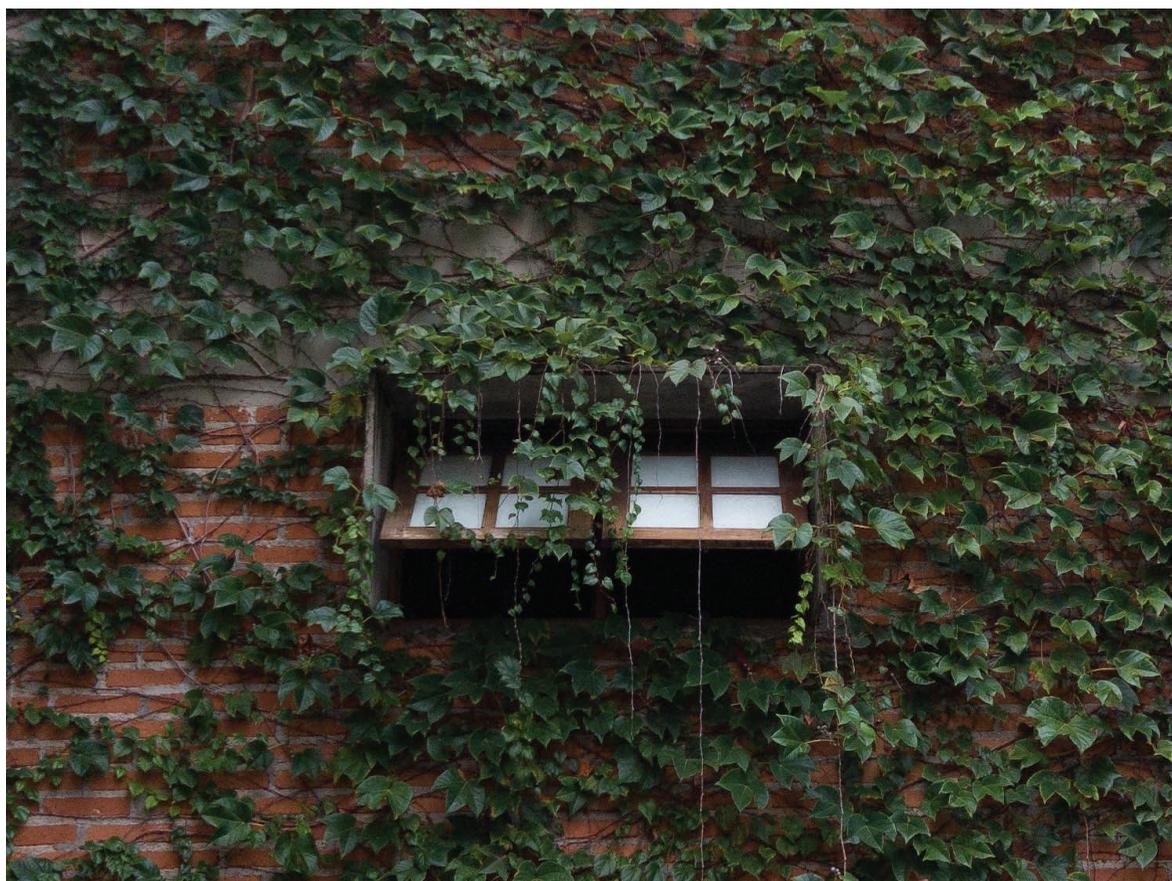


Foto: Adriana Vichi

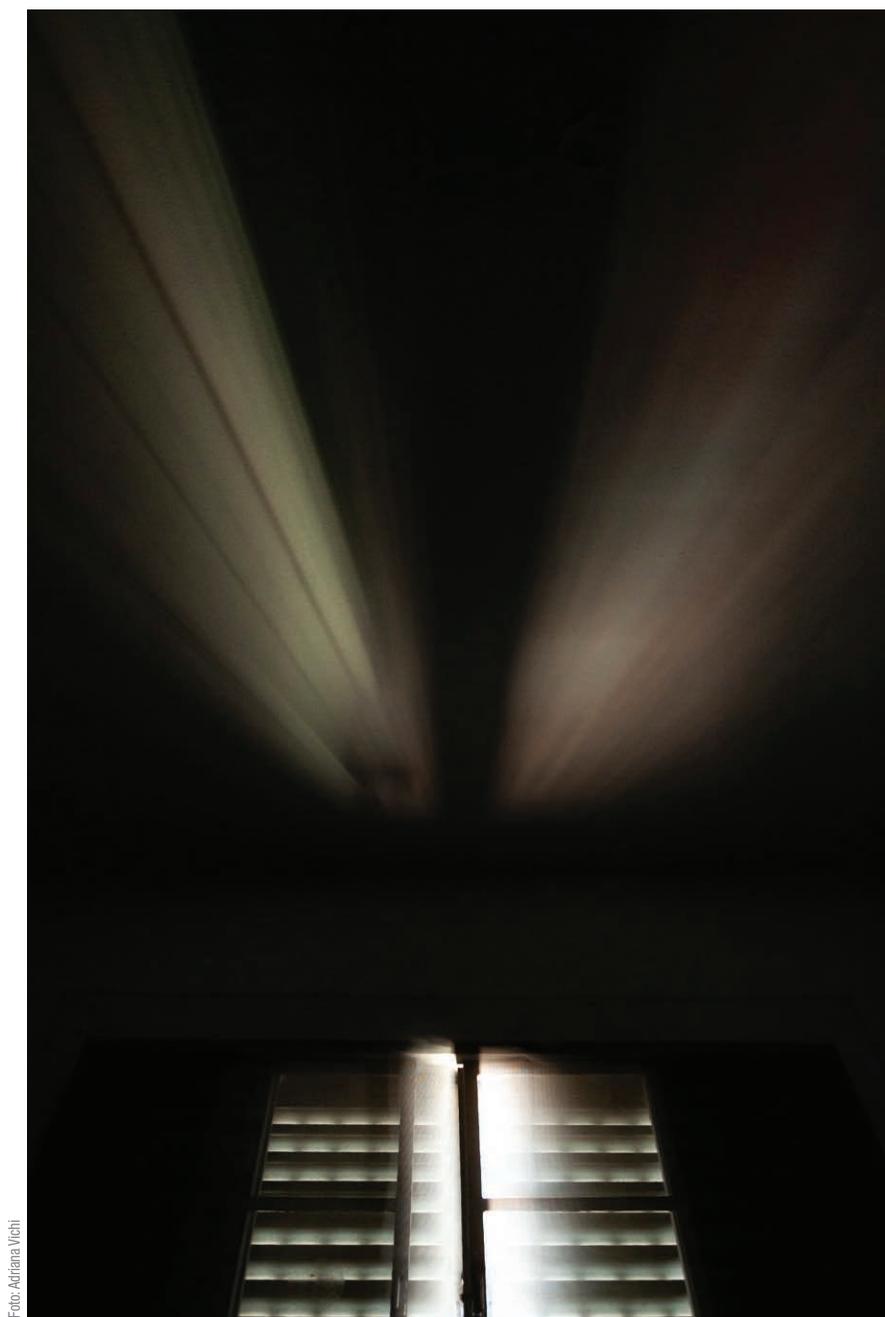


Foto: Adriana Vichi

*Quando o sol bater /
Na janela do teu quarto /
Lembra e vê /
Que o caminho é um só.*

(Renato Russo, 1960-1996)



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM FAZER A CREDENCIAL PLENA DO SESC E TER ACESSO A MUITOS BENEFÍCIOS.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS:

- Funcionários empregados e desempregados:**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 No caso de desempregados, é considerado o prazo de 24 meses da baixa da Carteira Profissional, para fazer e utilizar a Credencial Plena.
- Estagiários:**
 Termo de compromisso ou carteira de trabalho, em que conste o número do CNPJ da empresa
 Declaração de matrícula com situação acadêmica
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 A validade da Credencial corresponde ao período de vigência do contrato de estágio, não ultrapassando dois anos, cessando o direito à renovação após a rescisão.
- Temporários:**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Empregado com contrato suspenso temporariamente**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Termo de acordo de Suspensão do Contrato de Trabalho
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Aposentados:**
 É o empregado que se aposentou quando trabalhava com registro em carteira profissional, em empresa do comércio de bens, serviços e turismo.
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Carta de Concessão da aposentadoria ou Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Titular falecido:**
 O dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer a Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverá apresentar também a certidão de óbito.
- Dependentes:**
 O titular (trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo), pode incluir seus dependentes. Assim, a família também pode usar o Sesc! Veja a lista abaixo dos dependentes:
- Filhos, enteados, irmãos, netos e tutelados (até 20 anos):**
 Certidão de nascimento ou documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo

Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela

- Filhos, enteados, irmãos, netos e tutelados (entre 21 e 24 anos):**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens adultos (EJA)
- Cônjuge:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Certidão de casamento civil ou religioso; declaração de união estável lavrada em cartório ou declaração de união estável de próprio punho, neste caso, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos, além disso, em caso de credenciamento presencial nas unidades, é indispensável a presença do casal no ato do credenciamento.
- Pais e padrastos do titular:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular
- Avós:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Documento que comprove o parentesco com o titular

A EMISSÃO DA CREDENCIAL PLENA É GRATUITA E VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O BRASIL

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para atendimento presencial em uma de nossas Unidades, é necessário agendar horário na Central de Atendimento. A entrada nas Unidades do Sesc é realizada mediante apresentação de comprovante de vacina contra Covid-19.

PARA FAZER PELA PRIMEIRA VEZ A CREDENCIAL PLENA OU INCLUIR DEPENDENTES:

É necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento. Faça o agendamento pelo aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br, será necessário criar login e senha e utilizar a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO disponível no menu de serviços, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.

PARA RENOVAR A CREDENCIAL PLENA

Agora é possível fazer a renovação da Credencial Plena de maneira online, acesse o aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br para mais informações. Se preferir ir presencialmente em uma de nossas Unidades realizar este serviço, acesse a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO no aplicativo Credencial Sesc SP ou no site, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Arnilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Revista E

Adauto Fernando Perin, Adriane Da Silva Ribeiro, Adriano Ladeira Vannucchi, Aline Ribenboim, Ana Paula Fraay, Andrea de Oliveira Rodrigues, Angélica Aparecida Ferreira, Artur Alves Ribeiro, Camila Santos Medeiros, Carlos Daniel Dereste, Carolina Balza, Carolina Barbosa de Melo, Cinthya de Rezende Martins, Corina de Assis Maria, Danny Abensur, Diana Gama Santos, Diego Da Silva Oliveira, Diego De Paula Lemos, Diego Polezel Zebebe, Edmar Rodrigues De Fátima Júnior, Eduardo Santana Freitas, Elisângela da Silva Pimenta, Emerson Luis Costa, Esteveao Denis Silveira, Fabiula Larissa Tavares Milan, Felipe Campagna de Gaspari, Fernanda Porta Nova Ferreira da Silva, Fernanda Suemi Perruso, Fernando Amodeo Tuacek, Fernando Andrade de Oliveira, Flavia Eugenia Gimenez de Favar, Gabriel Alarcon Madureira, Gabriela Graca Ferreira, Geraldo Soares Ramos Junior, Heloisa Pinto Urrahy, Henrique Ramos Rubin, Igo Cardoso do Prado, Iuri Domarco Botao, Jade Stella Martins, Jose Goncalves da Silva Junior, Jose Olympio Garcia Neto, Julia Parpulov Augusto dos Santos, Juliano Ricardo Moreira Lima, Karen Cristine Pimentel dos Santos, Karla Priscila Vieira Carrero, Lilian Vieira Ambar, Livia Vertuan Dos Santos, Lucas Carbonera Molina, Marcel Antonio Verrumo, Marcos Ribeiro de Carvalho, Marcos Toyanak Silva Guimarães, Marcos Villas Boas, Margaret Regina Chiarella, Maria Claudia Novaes Curtolo, Maria Rizeide Pereira Dos Santos, Mariana Lins Prado, Marina Maria Magalhaes, Marina Ramos Tozoni Reis, Mayumi Kitamura, Michele Cristiane Celestino, Monique Mendonça Dos Santos, Patricia Maciel Da Silva, Paulo Cavalcante, Pedro Alberto Ribeiro Pinto, Poliana de Moura Queiroz, Priscila Souza De Oliveira, Rachel Amoroso Gonçalves, Rachel D Ipolitto de Oliveira Scire, Regina Salette Gambini, Renan Cantuário Pereira, Renata Barros Da Silva, Renato Diego Alves de Jesus, Renato José Pereira, Rosimeire Vanderlisa Coelho, Sabrina dos Santos Rodrigues, Sheila De Sá Budney, Sidenia Freire Pereira, Silvia Cristina Garcia, Soraya Pereira Idehama, Tatiana Amara, Tatiana Sanches Ferreira, Tatiana Busto Garcia, Tatiane Ferrari De Souza, Thais Cristina Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Thais Ribeiro Camarda.

Coordenação Geral:

Ivan Paulo Giannini
Editora executiva: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e diagramação:** Ariane Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luyse Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledo • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Luna D'Alama, Manuela Ferreira e Maria Julia Lledo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics, Guilherme Barreto e Marina Pereira • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Júnior e Nilton Andrade Bergamini • **Supervisão Gráfica:** Rogério Ianelli • **Finalização:** Ariane Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável:

Adriana Reis Paulics MTB 37.488
 A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social**.
 Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

DESCOBERTAS...

Em 1995 me deslocava duas vezes por semana, em um ônibus que fazia a linha Guarujá-Bertioga, chamado pelos moradores da região de “75”; na ocasião, prestava serviço para uma empresa de saneamento em Bertioga e passava sempre pelo muro alto e extenso do Sesc Bertioga. Manifestava a curiosidade e o desejo em saber: o que acontece do outro lado do muro?

Nesse mesmo ano, cursava o segundo período da graduação de Educação Física, quando surgiu a oportunidade de trabalhar nas férias de verão no Sesc Bertioga. Assim, desvendi o que havia do outro lado do muro e comecei a compreender o Sesc e seu vasto repertório de atividades recreativas, esportivas, culturais, dentre outras. Não poderia imaginar que em um único lugar pudesse habitar tanta diversidade de conhecimento e experimentação. As experiências vividas nesse período me trazem boas lembranças e carregam amizades de hóspedes e funcionários com quem convivi.

Hoje, com vinte e três anos de instituição, e tendo participado do desenvolvimento de diversas ações programáticas nas unidades Carmo, Santos, Pompeia e atualmente na Gerência de Saúde e Odontologia, percebo e me encanto cada vez mais com toda transversalidade e pluralidade das diversas linguagens do conhecimento fomentadas pela instituição.

Nessa jornada, continuei com novas descobertas, novas amizades, novos desafios profissionais e pessoais, tecendo uma rede de relacionamentos que me permite realizar trocas constantes. Seria essa uma forma que me guia intuitivamente em direção ao bem-estar? Confesso que nesse período de isolamento social senti falta das conversas presenciais, dos cafés com amigos, sem falar do ir e vir livremente, das relações de trabalho, dos encontros, dos abraços e beijos, das celebrações, e principalmente do afeto no cuidar e ser cuidado. A tecnologia com seus aplicativos e funcionalidades substituiu, mesmo que momentaneamente, essa falta de contato. Aliás, colegas de outras

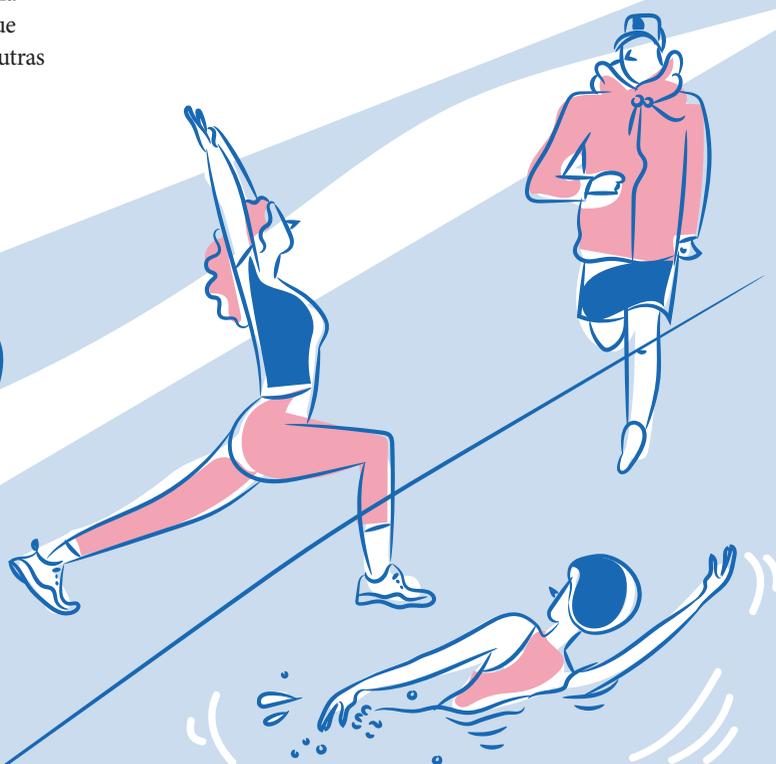
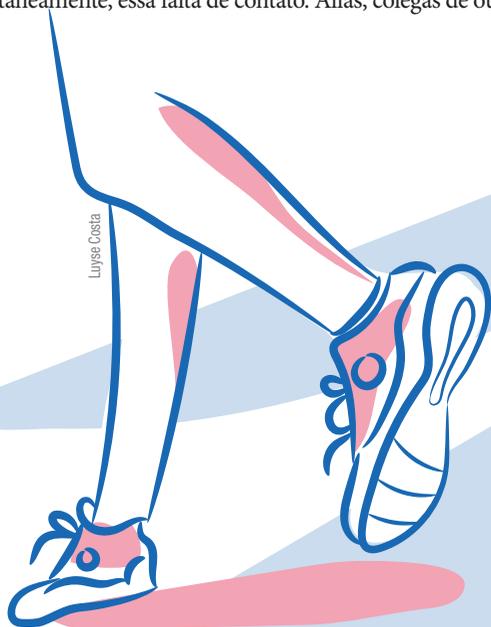
unidades que só encontrávamos em reuniões ou falávamos por telefone passamos a encontrar por chamadas de vídeo de uma forma mais frequente.

Atualmente, eu me encontro em uma nova fase de descobertas, agora na área da saúde, na qual pude observar a importância da saúde mental nas relações sociais e de trabalho em tempos pandêmicos. Constatar um país tão diverso e potencialmente rico como o Brasil estar entre os primeiros colocados no mundo em doenças como depressão, ansiedade e *burnout* é preocupante.

Esses indicadores nos fizeram pensar na ampliação do debate, jogando luz sobre a qualidade de vida, um tema de difícil conceitualização, mas bem definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “a percepção do indivíduo de sua inserção na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”. Identifico nas dimensões física, mental, psicológica, espiritual e emocional o equilíbrio necessário para atingirmos o bem-estar, uma sensação que não é possível mensurarmos com instrumentos ou números, mas por percepções e vivências que acumulamos por onde andamos, o que fazemos ou com quem nos relacionamos.

Com essa referência tenho a convicção de que essa instituição promove constantemente meios que facilitam o processo de cada pessoa na busca da sua qualidade de vida e de bem-estar! ■

FERNANDO ANDRADE DE OLIVEIRA é Educador Físico e Mestre em Ciências do Movimento Humano. Trabalha como assistente técnico na Gerência de Saúde e Odontologia do Sesc São Paulo.



ABRIL INDÍGENA



SÃO PAULO TERRA INDÍGENA

Bate-papos, oficinas, séries, documentários
e apresentações presenciais e online,
revelando a presença indígena nos territórios
do estado de São Paulo.

Acompanhe a programação:
sescsp.org.br/abrilindigena

